

— Quando o Mestre rasgar o caminho com o primeiro ensejo. Isto posto, abandonaremos Palmira.

Depois de uma pausa em que Saulo se conservava pensativo, o outro murmurou:

— Por que não vais conosco á Roma?

— Ah! se eu pudesse!... — disse o ex-rabino dando a entender o seu desejo. — Julgo que Jesus desejará ver-me, antes de tudo, inteiramente reconciliado com quantos ofendí em Jerusalém. Além disso preciso rever meus pais, matando as saudades do coração.

Com efeito, depois da passagem da grande caravana que lhes trazia os substitutos, servidos de um camelo, os três irmãos do "Caminho" deixaram o oásis em direção á Palmira, onde a família de Gamaliél os acolheu com desvelado carinho.

Aquila e a mulher ali ficariam algum tempo ao serviço de Ezequias, até que pudessem realizar o formoso ideal de trabalho na poderosa Roma dos cézares, mas Saulo de Tarso agora, resistente como um beduíno, depois de agradecer a generosidade do benfeitor e despedir-se dos amigos com lágrimas nos olhos, tomou novamente o rumo de Damasco, radicalmente transformado pelas meditações de três anos consecutivos, passados no deserto.

III

LUTAS E HUMILHAÇÕES

A jornada se fez sem incidentes. Entretanto, em sua nova soledade o moço tarsense reconhecia que fôrças invisíveis proviam-lhe a mente de grandiosas e consoladoras inspirações. Dentro da noite cheia de estrélas, tinha a impressão de ouvir uma voz carinhosa e sábia, a traduzir-se por apelos de infinito amor e de infinita esperança. Desde o instante em que se desligara da companhia amovavel de Aquila e sua mulher, quando se sentiu absolutamente só para os grandes empreendimentos do seu novo destino, encontrou energias interiores até então imprevisitas, por desconhecidas.

Não podia definir aquele estado espiritual, mas o caso é que dali por diante, sob a direção de Jesus, Estavam conservava-se a seu lado como companheiro fiél.

Aquelas exortações, aquelas vozes brandas e amígas que o assistiram em todo o curso apostolar e atribuidas diretamente ao Salvador, provinham do generoso mártir do "Caminho", que o seguiu espiritualmente durante trinta anos, renovando-lhe constantemente as fôrças para execução das tarefas redentoras do Evangelho.

Jesus quis, dessarte, que a primeira vítima das perseguições de Jerusalém ficasse para sempre irmanada ao primeiro algoz dos prosélitos de sua doutrina de vida e redenção.

Ao envés dos sentimentos de remorso e perplexidade em face do passado culposo; da saudade e

desalento que, ás vezes, lhe ameaçavam o coração, sentia agora radiosas promessas no espírito renovado, sem poder explicar-se a sagrada origem de tão profundas esperanças. Nada obstante as singulares alterações fisíonómicas, que a vida, o regimen e o clima do deserto lhe produziram, entrou em Damasco com alegria sincera na alma agora devotada, absolutamente, ao serviço de Jesus.

Com júbilo indefinível abraçou o velho Ananias, pondo-o ao corrente de suas edificações espirituais. O respeitavel ancião retribuiu-lhe o carinho com imensa bondade. Dessa vez, o ex-rabino não precisou isolar-se numa pensão entre desconhecidos, porque os irmãos do "Caminho" ofereceram-lhe franca e amorosa hospitalidade. Diariamente, repetia a emoção confortadora da primeira reunião a que comparecera, antes de recolher-se ao deserto. A pequena assembléia fraternal congregava-se todas as noites, trocando idéias novas sôbre os ensinamentos do Cristo, comentando os acontecimentos mundanos á luz do Evangelho, permutando objectivos e conclusões. Saulo foi informado de todas as novidades atinentes á doutrina, experimentando os primeiros efeitos do choque entre os judeus e os amigos do Cristo, a propósito da circuncisão. Seu temperamento apaixonado percebeu a extensão da tarefa que lhe estava reservada. Os fariseus formalistas da sinagoga, não mais se insurgiam contra as actividades do "Caminho", desde que o seguidor de Jesus fôsse, antes de tudo, fiél observador dos princípios de Moisés. Sómente Ananias e alguns poucos perceberam a sutileza dos casuistas, que provocavam deliberadamente a confusão em todos os setores, atrasando a marcha vitoriosa da Boa-Nova rentora. O ex-doutor da Lei reconheceu que, na sua ausencia, o processo de perseguição tornara-se mais perigoso e mais imperceptível, porquanto, ás características cruéis mas francas do movimento inicial, sucediam as manifestações de hipocrisia farisáica, que, a pretexto de temporização e benignidade, mergulhariam a personalidade de Jesus e a grandeza de suas lições divinas em criminoso e deliberado olvido. Coeren-

te com as novas disposições do fôro íntimo, não pretendia voltar á sinagoga de Damasco, para não parecer um mestre pretensioso a pugnar pela salvação de outrem, antes de cuidar do aperfeiçoamento proprio; mas, diante do que via e coligia com alto senso psicologico, compreendeu que era util arrostar todas as consequências e demonstrar as disparidades do formalismo farisáico com o Evangelho; o que era a circuncisão e o que era a nova fê. Expondo a Ananias o projeto de fomentar a discussão em tórno do assunto, o velho generoso estimulou-lhe os propositos de restabelecer a verdade em seus legítimos fundamentos.

Para esse fim, no segundo sabado de sua permanencia na cidade, o vigoroso prégador compareceu á sinagoga. Ninguém reconheceu o rabino de Tarso na sua túnica rafada, na epiderme tostada de sól, no rosto descarnado, no brilho mais vivo dos olhos profundos.

Terminada a leitura e a exposição regulamentares, franca a palavra aos sinceros estudiosos da religião, eis que o desconhecido galga a tribuna dos mestres de Israel e, buscando interessar a numerosa assistencia, falou primeiramente do carater sagrado da Lei de Moisés, detendo-se, apaixonado, nas promessas maravilhosas e sábias de Isaias, até que penetrou o estudo dos profetas. Os presentes escutavam-no com profunda atencção. Alguns esforçavam-se por identificar aquela voz que lhes não parecia estranha. A prégacção vibrante suscitava ilações de grande alcance e beleza. Imensa luz espiritual transbordava dos raptos altiloquentes.

Foi aí que o ex-rabino, conhecendo o poder magnético já exercido sôbre o vultoso auditório, começou a falar do Messias Nazareno comparando sua vida, feitos e ensinamentos, com os textos que o anunciavam nas sagradas escrituras.

Quando abordava o problema da circuncisão, eis que a assembléia rompe em furiosa gritaria.

— E' ele!... E' o traidor!... — clamavam os mais audaciosos, depois de identificar o ex-doutor de Jerusalém. — Pedra ao blasfemo!... E' o bandido da seita do "Caminho"!...

Os chefes do serviço religioso, por sua vez, reconheceram o antigo companheiro, agora considerado transfuga da Lei, a quem se devia impôr castigos rudes e cruéis.

Debalde gritavam silencio á multidão que se multi-partira em grupos agressivos.

Saulo assistia á repetição da mesma cena de quando se fazia ouvir na seléta reunião, com a presença dos levitas de Chipre. Enfrentou impassível a situação, até que as autoridades religiosas conseguissem acalmar os animos turbulentos.

Após as fases mais agudas do tumulto, o arquisinagogo tomando posição, determinou que o orador descesse da tribuna para responder ao seu interrogatorio.

O convertido de Damasco compreendeu de relance toda a calma de que necessitava para sair-se com êxito daquela difícil aventura, e obedeceu de pronto, sem protestar.

— Sois Saulo de Tarso, antigo rabino em Jerusalém? — perguntou a autoridade com enfase.

— Sim, pela graça de Cristo Jesus! — respondeu em tom firme e resolutivo.

— Não vem ao caso referencias quaisquer ao carpinteiro de Nazaré! Interessa-nos, tão só, a vossa prisão imediata, de acôrdo com as instruções recebidas do Templo — explicou o judeu em atitude solene.

— Minha prisão? — interrogou Saulo admirado.

— Sim.

— Não vos reconheço o direito de efetua-la — esclareceu o prégador.

Diante daquela atitude energica, houve um movimento de admiração geral.

— Por que relutais? O que só vos cumpre é obedecer.

Saulo de Tarso fixou-o com decisão, explicando:

— Nego-me porque, não obstante haver modificado minha concepção religiosa, sou doutor da Lei e, além disso, quanto á situação política, sou cidadão romano e não posso atender a ordens verbais de prisão.

— Mas estais preso em nome do Sinhédrio.

— Onde o mandado?

A pergunta imprevista desnorteou a autoridade. Havia mais de dois anos, chegara de Jerusalém o documento oficial, mas ninguem podia prever aquela eventualidade. A ordem fôra arquivada cuidadosamente, mas não podia ser exibida de pronto, como exigiam as circunstancias.

— O pergaminho será apresentado dentro de poucas horas — acrescentou o chefe da sinagoga um tanto indeciso.

E como a justificar-se, acrescentava:

— Desde o escandalo da vossa última prégção em Damasco, temos ordem de Jerusalém para vos prender.

Saulo fixou-o com energia e voltando-se para a assembléa, que lhe observava a coragem moral tomada de pasmo e admiração, disse alto e bom som:

— Varões de Israel, trouxe ao vosso coração o que possuia de melhor, mas rejeitais a verdade trocando-a pelas formalidades exteriores. Não vos condeno. Lastimo-vos, porque tambem fui assim como vós outros. Entretanto, chegada a minha hora, não recusei o auxilio generoso que o céu me oferecia. Lançais-me acusações, vituperais minhas atuais convicções religiosas; mas, qual de vós estaria disposto a discutir comigo? Onde o sincero lutador do campo espiritual que deseje sondar, em minha companhia, as santas escrituras?

Profundo silencio seguiu-se ao répto.

— Ninguem? — perguntou o ardoroso artifice da nova fé, com um sorriso de triunfo. — Conheço-vos, porque tambem palmilhei esses caminhos. Entretanto, convenhamos em que o farisaismo nos perdeu, atirando nossas esperanças mais sagradas num oceano de hipocrisias. Venerais Moisés na sinagoga; tendes excessivo cuidado com as fórmulas exteriores, mas qual a feição da vossa vida doméstica? Quantas dores ocultais sob a túnica brilhante! Quantas feridas dissimulais com palavras falaciosas! Como eu, devieis sentir imenso tédio de tantas máscaras ignóbeis! Se fôssemos apontar os feitos criminosos que se praticam á sombra da Lei,

não teríamos açoitados para castigar os culpados; nem o número exato das maldições indispensáveis á pintura de semelhantes abominações! Padei de vossas úlceras, envenenei-me tambem nas vossas trevas e vinha trazer-vos o remédio imprescindível. Recusais-me a cooperação fraterna; entretanto, em vão recalcitrais perante os processos regeneradores, porque sómente Jesus poderá salvar-nos! Trouxe-vos o Evangelho, ofereço-vos a porta de redenção para nossas velhas mazelas e inda quereis compensar meus esforços com o cárcere e a maldição? Recuso-me a receber semelhantes valores em troca de minha iniciativa espontanea!... Não podereis prender-me, porque a palavra de Deus não está algemada. Se a rejeitais, outros me compreenderão. Não é justo abandonar-me aos vossos caprichos, quando o serviço a fazer me pede dedicação e boa-vontade.

Os proprios diretores da reunião pareciam dominados por forças magnéticas, poderosas e indefiníveis.

O moço tarsense passeou o olhar dominador sôbre todos os presentes, revelando a rigidez do seu ânimo poderoso.

— Vosso silencio fala mais que as palavras — concluiu quasi com audácia. — Jesus não vos permite a prisão do servo humilde e fiél. Que a sua benção vos ilumine o espirito na verdadeira compreensão das realidades da vida.

Assim dizendo, caminhou resolutamente para a porta de saída, enquanto o olhar assombrado da assembléa lhe acompanhava o vulto, até que, a passo firme, desapareceu em uma das ruas estreitas que desembocavam na grande praça.

Como se despertasse, após o audacioso desafio, a reunião degenerou em acaloradas discussões. O arquissinagogo, que parecia sumamente impressionado com as declarações do ex-rabino, não ocultava a indecisão, reatando entre as verdades amargas de Saulo e a ordem de prisão immediata. Os companheiros mais enérgicos procuraram levantar-lhe o espirito de autoridade. Era preciso prender o atrevido orador a qualquer preço. Os mais decididos puseram-se á procura immediata do

pergaminho de Jerusalém e logo que o encontraram, resolveram pedir auxilio ás autoridades civis, organizando-se diligencias. Daí a três horas, todas as medidas para a prisão do audacioso prégador estavam assentadas. Os primeiros contingentes foram movimentados ás portas da cidade. Em cada uma postou-se pequeno grupo de fariseus, secundados por dois soldados, a-fim-de burlar qualquer tentativa de evasão.

Em seguida, iniciaram a devassa em bloco, na residencia de todas as pessoas suspeitas de simpatia e relações com os discípulos do Nazareno.

Saulo, por sua vez, afastando-se da sinagoga procurou avistar-se com Ananias, ansioso da sua palavra amorosa e conselheira.

O sábio velhinho ouviu a narração do acontecido aprovando-lhe as atitudes.

— Sei que o Mestre — dizia o moço por fim — condenou as contendas e jamais andou entre os discutidores; mas, tambem jamais contemporizou com o mal. Estou pronto a reparar meu passado de culpas. Afrontarei as incompreensões de Jerusalém, a-fim-de patentear minha transformação radical. Pedirei perdão aos ofendidos pela insensatez da minha ignorancia, mas, de modo algum poderei fugir ao ensejo de afirmar-me sincero e verdadeiro. Acaso serviria o Mestre humilhando-me diante das explorações inferiores? Jesus lutou quanto possivel e seus discípulos não poderão proceder de outro modo.

O bondoso ancião acompanhava-lhe as palavras com sinais afirmativos. Depois de conforta-lo com a sua aprovação, recomendou-lhe a maior prudencia. Seria razoavel afastar-se quanto antes dali, do seu tugúrio. Os judeus de Damasco conheciam a parte que tivera na sua cura. Por causa disso, muita vez lhes suportara as injurias e remoques. Certo, procura-lo-iam ali para prendê-lo. Assim, era de opinião que se recolhesse á casa da confrade lavadeira, onde costumavam orar e estudar o Evangelho. Ela saberia acolhê-lo com bondade.

Saulo atendeu ao conselho sem hesitar.

Daí a três horas, o velho Ananias era procurado

e interpelado. Atenta a sua conduta discreta, foi recolhido ao cárcere para ulteriores averiguações.

O fato é que, inquirido pela autoridade religiosa, apenas respondia:

— Saulo deve estar com Jesus.

Nos seus escrúpulos de consciência, o generoso velho entendia que, desse modo, não mentia aos homens nem comprometia um amigo fiél. Depois de preso e incomunicavel 24 horas, deram-lhe liberdade, mas não sem receber castigos dolorosos. A aplicação de vinte bastonadas deixara-lhe o rosto e as mãos gravemente feridos. Contudo, logo que se viu livre, esperou a noite e, cautamente encaminhou-se á choupana humilde, onde se realizavam as prédicas do "Caminho". Reencontrando-se com o amigo, expôs-lhe o plano que vinha remediar a situação.

— Quando criança — explicou Ananias prazeroso — assisti á fuga de um homem sôbre os muros de Jerusalém.

E como se recapitulasse os pormenores do fato na memória cansada, perguntou:

— Saulo, terias medo de fugir num cesto de vime?

— Por que? — disse o moço sorridente. — Moisés não começou a vida num cesto sôbre as águas?

O velho achou graça na alusão e esclareceu o projecto. Não muito longe dali, havia grandes árvores junto dos muros da cidade. Alçariam o fugitivo num grande cesto e depois, com insignificantes movimentos, ele poderia descer do outro lado, em condições de encetar a viagem para Jerusalém, conforme pretendia. O ex-rabino experimentou imensa alegria. Na mesma hora, a dona da casa foi buscar o concurso dos três irmãos de mais confiança. E quando o céu se fez mais sombrio, depois das primeiras horas da meia noite, um pequeno grupo se reunia junto a muralha, em ponto mais distante do centro da cidade. Saulo beijou as mãos de Ananias, quasi com lágrimas. Despediu-se em voz baixa dos amigos, enquanto um lhe entregava volumoso pacote de bolos de cevada. Na copa da árvore frondosa e escura, o mais jovem esperava o sinal. O moço tarsense entrou

na sua embarcação improvisada e a evasão se deu no ambito silencioso da noite.

Do outro lado, saiu lesto do cesto, deixando-se empolgar por estranhos pensamentos. Seria justo fugir assim? Não havia cometido crime algum. Não seria covarde deixar de comparecer perante a autoridade civil para os esclarecimentos necessarios? Ao mesmo tempo, considerava que sua conduta não provinha de sentimentos pueris e inferiores, pois ia a Jerusalém desassombrado, buscaria avistar-se com os antigos companheiros, falar-lhes-ia abertamente, concluindo que tambem não seria razoavel entregar-se inérme ao fanatismo tiranico da sinagoga de Damasco.

Aos primeiros raios de sol, o fugitivo ia longe. Levava consigo os bolos de cevada como única provisão, e o Evangelho presenteado por Gamaliél como lembrança de tanto tempo de solidão e de luta.

A jornada foi assaz difficil e penosa. O cansaço obrigava-o a paradas constantes. Mais de uma vez recorreu á caridade alheia, no trajeto penoso. Com auxilio de camelos, cavalos ou dromedários, a viagem de Damasco a Jerusalém não exigia menos de uma semana de marchas exhaustivas. Saulo, porém, ia a pé. Poderia talvez valer-se do concurso definitivo de alguma caravana, onde conseguisse os recursos imprescindíveis, mas preferiu familiarizar a vontade poderosa com os obstáculos mais duros. Quando a fadiga lhe sugeria o desejo de aguardar a cooperação eventual de outrem, buscava vencer o desanimo, punha-se novamente de pé, apoiava-se em cajados improvisados.

Depois de suaves recordações no local em que tivera a visão gloriosa do Messias ressuscitado, voltou a experimentar carinhosas emoções ao penetrar na Palestina, atravessando vagarosamente extensas regiões da Galiléia. Fazia questão de conhecer o teatro das primeiras lutas do Mestre, identificar-se com as paisagens mais queridas, visitar Cafarnaum e Nazaré, ouvir a palavra dos filhos da região. Naquele tempo, já o ardoroso Apóstolo dos gentios desejava inteirar-se de todos os fatos referentes á vida de Jesus, ansiava por coordena-

los com segurança, de maneira a legar aos irmãos em Humanidade o melhor repositório de informações sobre o Emissário Divino.

Quando chegou a Cafarnaum, um crepúsculo de ouro entornava maravilhas de luz na bucólica paisagem. O ex-rabino desceu religiosamente às margens do lago. Embebeu-se na contemplação das águas marulhosas. Pensando em Jesus, no poder do seu amor, chorou, dominado por singular emoção. Queria ter sido pescador humilde para captar os ensinamentos sublimes na fonte de suas palavras generosas e imortais.

Por dois dias ali permaneceu em suave embevecimento. Sem revelar-se, procurou Levi, que o recebeu de boa vontade. Mostrou-lhe sua dedicação e conhecimento do Evangelho, falou da oportunidade de suas anotações. O filho de Alfeu alegrou-se ao contágio daquela palavra inteligente e confortadora. Saulo viveu em Cafarnaum horas deliciosas para o seu espírito emotivo. Ali era o local das pregações do Mestre; mais adiante, a casinha de Simão Pedro; além a coletoria onde o Mestre fôra chamar Levi para o desempenho de importante papél entre os Apóstolos. Abraçou homens fortes, da localidade, que tinham sido cegos e leprosos, curados pelas mãos misericordiosas do Messias; foi á Dalmanuta, onde conheceu a Madalena. Enriqueceu o mundo impressivo de suas observações, colhendo informes inéditos.

Dai a dias, depois de repousar em Nazaré, ei-lo ás portas da cidade santa dos israelitas, extenuado de fadiga, das caminhadas penosas, das noites de vigília cujos sofrimentos muita vez lhe pareceram sem fim.

Em Jerusalém, todavia, aguardavam-no outras surpresas não menos dolorosas.

Estava empolgado por ansiosas interrogações. Não mais tivera notícia dos pais, dos amigos, da irmã carinhosa, dos familiares sempre vivos na sua retentiva. Como o receberiam os companheiros mais sinceros? Não poderia esperar amáveis recepções do Sinédrio. O episódio de Damasco dava-lhe a perceber o estado de animo dos membros do Tribunal. Certo, fôra sumaria-

mente expulso do cenáculo mais conspicuo da raça. Em compensação, fôra admitido por Cristo no cenáculo infinito das verdades eternas.

Dominado por essas reflexões, atravessou a porta da cidade, recordando o tempo em que, numa biga veloz saía, noutro local, buscando a casa de Zacarias, na direção de Joppe. As reminiscencias das horas mais venturosas da mocidade encheram-lhe os olhos de pranto. Os transeuntes de Jerusalém estavam longe de imaginar quem era aquele homem magro e pálido, barba grande e olhos encovados, que passava arrastando-se de fadiga.

Após grande esforço, atingiu um prédio residencial do seu conhecimento. O coração palpitou-lhe apressado. Como simples mendigo, bateu á porta, em ansiosa expectativa.

Um homem de semblante severo atendeu secamente.

— Podeis informar, por favor — disse com humildade — se ainda aqui reside uma senhora chamada Dalila?

— Não — respondeu o outro, ríspido.

Aquele olhar duro não ensejava novas perguntas, mas, ainda assim, aventurou:

— Poderieis dizer, por obséquio, para onde se mudou?

— Ora esta! — replicou o dono da casa irritado — dar-se-á que tenha de prestar contas a um mendigo? Daqui a pouco o senhor me perguntará se comprei esta casa; depois me pedirá o preço, exigirá datas, reclamará novas informações sobre os antigos moradores, tomará meu tempo com mil interrogações ociosas.

E fixando em Saulo os olhos impassíveis, rematou de chofre.

— Nada sei, está ouvindo? Ponha-se na rua!...

O fugitivo de Damasco voltou serenamente para a via pública, enquanto o homemzinho dava expansão aos nervos doentes, batendo a porta com estrondo.

O ex-discípulo de Gamaliél refletiu na realidade amarga daquela primeira recepção simbólica. Jerusalém,

certamente, nunca mais poderia conhecê-lo. Não obstante a impressão dolorosa, não se deixaria empolgar pelo desanimo. Resolveu procurar Alexandre, seu companheiro de atividades no Sinhedrio e no Templo, parente de Caifáz. Cansadíssimo, bateu-lhe á porta, com minguidas esperanças. Um servo da casa, depois da primeira pergunta, vinha trazer-lhe a alviçareira notícia de que o amo não se demoraria a atender.

Com efeito, daí a pouço, Alexandre recebia o desconhecido com indifarsavel surpresa.

Satisfeito por conseguir a atenção de um velho amigo, Saulo adiantou-se cumprimentando-o com efusão.

O israelita ilustre não conseguiu ocultar o desapontamento e sentenciou com alguma generosidade nas palavras:

— Amigo, a que vindes a esta casa?

— Será possível que me não reconheças? — interrogou bem humorado, a-pesar-da imensa fadiga.

— Vossa fisionomia não me é de todo estranha, entretanto...

— Alexandre! — exclamou por fim, prazenteiro — não te recordas mais de Saulo?

Um grande abraço foi a resposta do amigo, que perguntava solícito, modificando o tratamento:

— Muito bem! Até que enfim! Graças a Deus vejo que estás curado! Não me enganei esperando que voltasses! Grande é o poder do Deus de Moisés!

Saulo compreendeu de pronto a ambiguidade daquelas expressões. Sentindo dificuldade em fazer-se entendido, procurava o melhor meio de explicar-se com exito, enquanto o amigo prossegua:

— Mas que aspecto é este? Olha que mais parece um beduino do deserto... Dize-me: quanto tempo durou a enfermidade pertinaz?

Saulo encheu-se de coragem e acentuou:

— Mas, ha engano com certeza, ou estarás mal informado, porque nunca estive doente.

— Impossível! — disse Alexandre visivelmente desapontado depois de tantas demonstrações afetuosas. — Jerusalém anda repleta de lendas a teu respeito.

Sadoc veio até aqui, ha três anos, pediu providencias enérgicas do Sinhedrio para que se esclarecesse tua situação e, depois de longos debates, levou uma ordem de prisão contra ti. Desde essa época, lutei desesperadamente para que se modificassem as disposições da peça condenatoria. Provei que se havias adotado uma attitude simpática para com a gente do "Caminho", certo, essa decisão obedecia a fins que não estavam habilitados a compreender de pronto, como, por exemplo, o de sondar melhor a extensão de suas atividades revolucionárias.

Saulo não pôde conter-se e revidou, antes que o amigo continuasse:

— Mas, nesse caso, seria um hipócrita refalsado e indigno do cargo e de mim mesmo.

O outro, contrafeito, carregou o sobrolho.

— Aliás, ponderei todas as hipóteses e como não podia tomar-te á conta de hipócrita — acentuou Alexandre procurando emendar a mão — consegui provar que tua attitude em Damasco provinha de transitória demencia. Não era justo pensar de outro modo, mesmo porque, do contrário, serias também insincero conosco, na esfera do farisaismo.

O ex-rabino sentiu a delicadeza do impasse. Havia renovado as concepções religiosas mas estava diante de um amigo. Quando muitos o abandonavam, aquele o recebia fraternalmente. Era necessário não magua-lo. Todavia, era impossível mascarar a verdade. Sentiu os olhos húmidos. Impunha-se-lhe testemunhar o Cristo, a qualquer preço, embora tivesse de perder as maiores afeições do mundo.

— Alexandre — disse humildemente — é verdade que inicii o grande movimento de perseguição ao "Caminho"; mas, agora é indispensavel confessar que me enganei. Os Apóstolos galileus têm razão. Estamos no limiar de grandes transformações. A's portas de Damasco, Jesus me apareceu na sua gloriosa ressurreição e exortou-me ao serviço do seu Evangelho de amor.

A palavra saia-lhe tímida, lavada no desejo de não

ferir as crenças do amigo, que, não obstante, deixava transparecer profunda decepção no rosto lívido.

— Não digas tais absurdos! — exclamou ironico e sorridente — desgraçadamente, vejo que o mal continúa minando-te as forças físicas e mentais. A sinagoga de Damasco tinha razão. Se não te conhecesse da infancia, dar-te-ia agora o título de blasfemo e desertor.

O moço tarsense, não obstante a energia viril, estava desalentado.

— Aliás, — prosseguiu o outro assumindo ares de protetor — desde o início de tua viagem, não concordei com o mísero cortejo que levavas. Jonas e Memétrio são quasi boçais, e Jacó vive de caduquices. Com semelhante companhia, qualquer perturbação da tua parte haveria de acarretar grandes desastres morais para a nossa posição.

— No entanto, Alexandre, — dizia o ex-rabino um tanto humilhado — devo insistir na verdade. Vi com estes olhos o Messias de Nazaré; ouvi-lhe a palavra de viva voz. Compreendendo os erros em que vivia, da minha defeituosa concepção da fé, demandei o deserto. Lá estive três anos em serviço rude e longas meditações. Minha convicção não é superficial. Creio, hoje, que Jesus é o Salvador, o Filho do Deus Vivo.

— Pois tua enfermidade — repetia Alexandre altaneiro, modificando o diapasão da intimidade — tornou a vida de toda a tua família. Envergonhados com as notícias chegadas da Síria, Jaques e Dalila mudaram-se de Jerusalém para a Cilícia. Quando soube da ordem de prisão lavrada pelo Sinédrio contra a tua pessoa, tua mãe faleceu em Tarso. Teu pai, que te educou com esmero esperando da tua intelligencia os maiores galardões de nossa raça, vive acabrunhado e infeliz. Teus amigos, cansados de suportar as ironias do povo, em Jerusalém, vivem esquivos e humilhados depois de te procurarem em vão. Não te doerá a visão deste quadro? Uma dôr como esta não bastará para refazer-te o equilibrio mental?

O ex-doutor da Lei tinha o coração ralado de angústia. Tantos dias ansiosos, tantas amarguras vividas

no intuito de lograr alguma compreensão e repouso junto dos seus, via agora, era tudo ilusão e ruína. A família desorganizada, a mãe morta, o pai infeliz; os amigos execravam-no; Jerusalém lançava-lhe ironias.

Vendo-o em tal attitude, o amigo regosijava-se intimamente, esperando ansioso o efeito de suas palavras.

Depois de concentrar-se um minuto, Saulo acentuou:

— Lamento occorências tão tristes e tomo a Deus por testemunha de que não cooperei intencionalmente para isso. No entanto, mesmo aqueles que ainda não aceitaram o Evangelho deveriam compreender, segundo a antiga Lei, que não devemos ser orgulhosos. Moisés, nada obstante a energia das recomendações, ensinou a bondade. Os profetas que lhe succederam, foram emissários de mensagens profundas para o nosso coração, que se perdia na iniquidade. Amós nos concitou a buscar Jeová para conseguirmos viver. Lastimo que os meus afeiçoados se julguem ofendidos; mas é preciso considerar que, antes de ouvir qualquer julgamento ocioso do mundo, devemos buscar os juizos de Deus.

— Quer dizer que persistes nos teus erros? — perguntou Alexandre quasi hostil.

— Não me sinto enganado. Dada a incompreensão geral, — comentou o ex-rabino dignamente — tambem me encontro em penosa situação; mas o Mestre não me faltará com o seu auxilio. Lembro-me dele e experimento grande confôrto. Os afetos da família e a consideração dos amigos eram no mundo minha unica riqueza. Contudo, encontrei nas anotações de Leví o caso de um moço rico, que me ensina a proceder nesta hora (1). Desde a infancia procurei cumprir rigorosamente meus deveres; mas, se é preciso lançar mão da riqueza que me resta, para alcançar a iluminação de Jesus, renunciarei á propria estima deste mundo!...

Alexandre pareceu comover-se com o tom melancólico das últimas palavras. Saulo dava a impressão de alguém que estivesse prestes a chorar.

(1) Mateus: 19, 16 a 23.

— Estás fundamente transtornado — objetou Alexandre — só um demente poderia proceder assim.

— Gamaliél não era um louco e aceitou Jesus como o Messias prometido — acrescentou o ex-doutor invocando a venerável memória do grande rabino.

— Não creio! — disse o outro com ar superior.

Saulo baixou a fronte silencioso. Grande a humilhação daquela hora. Depois de havido como demente, era tido por mentiroso. A-pesar disso, no auge da perplexidade, considerou que o amigo não estava em condições de compreendê-lo integralmente. Refletia na situação embaraçosa, quando Alexandre voltou a dizer:

— Infelizmente, preciso convencer-me do estado precário do teu cérebro. Por enquanto, poderás ficar em Jerusalém, á vontade, mas será justo não multiplicar o escândalo da tua enfermidade, com falsos panegíricos do carpinteiro de Nazaré. A decisão do Sinhedrio, que consegui com tantos sacrifícios, poderia modificar-se. Quanto ao mais — terminava como a despedi-lo — sabes que continuo ás tuas ordens para uma retificação definitiva de atitudes, a qualquer tempo.

Saulo compreendeu a advertencia; não era preciso dilatar a entrevista. O amigo expulsava-o com boas maneiras.

Em dois minutos achou-se novamente na via pública. Era quasi meio dia, um dia quente. Sentiu sede e fome. Consultou a bolsa, estava quasi vazia. Um resto do que recebera das mãos generosas do irmão de Gamaliél, ao deixar Palmira definitivamente. Procurou a pensão mais modesta de uma das zonas mais pobres da cidade. Em seguida á frugal refeição e antes que caissem as sombras cariciosas da tarde, encaminhou-se, esperançado para o velho casarão reformado, onde Simão Pedro e companheiros desenvolviam toda a atividade em pról da causa de Jesus.

No trajeto, recordou-se de quando fôra ouvir Estevam em companhia de Sadoc. Como tudo, agora, se passava inversamente! O crítico de outrora, voltava para ser criticado. O juiz, transformado em réu, mergulhava

o coração em singulares ansiedades. Como o receberiam na igreja do "Caminho"?

Parou á frente da habitação humilde. Pensava em Estevam, mergulhado no passado, de alma oprimida. Ante os colégas do Sinhedrio, entestando as autoridades do judaísmo, outra era a sua attitude. Conhecia-lhes as fraquezas peculiares, passara tambem pelas máscaras farisáicas e podia aguilatar de seus erros clamorosos. No entanto, defrontando os Apóstolos galileus, sagrada veneração se lhe impunha á consciencia. Aqueles homens poderiam ser rudes e simples; podiam viver distanciados dos valores intellectuais da época; mas tinham sido os primeiros colaboradores de Jesus. Além disso, não poderia aproximar-se deles sem experimentar profundo remorso. Todos haviam sofrido vexames e humilhações por sua causa. Não fôsse Gamaliél, talvez o proprio Pedro teria sido lapidado... Precisava consolidar as noções de humildade para manifestar seus desejos ardentes de cooperação sagrada com o Cristo. Em Damasco, lutara na sinagoga contra a hipocrisia de antigos companheiros; em Jerusalém enfrentara Alexandre com todo o desassombro; entretanto, parecia-lhe que outra deveria ser sua attitude ali, onde tinha necessidade de renuncia para alcançar a reconciliação com aqueles a quem havia ferido.

Assomado de profundas reflexões, bateu á porta quasi tremulo.

Um dos auxiliares do serviço interno, de nome Prócoro, veiu atender solicitamente.

— Irmão — disse o moço tarsense em tom humilde — podeis informar se Pedro está?

— Vou saber — respondeu o interpelado, amistosamente.

— Caso esteja — acrescentou Saulo algo indeciso — dizei-lhe que Saulo de Tarso deseja falar-lhe em nome de Jesus.

Prócoro gaguejou um "sim", com extrema palidez, fixou no visitante os olhos assombrados e afastou-se com dificuldade, sem dissimular a enorme surpresa. Era o perseguidor que voltava, depois de três anos. Lembra-se, agora, daquela primeira discussão com Estevam,

em que o grande prégador do Evangelho sofrera tantos insultos. Em poucos momentos alcançava a camara onde Pedro e João confabulavam sôbre os problemas internos. A noticia caiu entre ambos como uma bomba. Ninguém poderia prever tal cousa. Não acreditavam na lenda que Jerusalém enfeitava com detalhes desconhecidos, em cada comentário. Impossível que o algoz implacavel dos discípulos do Senhor estivesse convertido á causa do seu Evangelho de amor e redenção.

O ex-pescador do "Caminho" antes de recambiar o portador ao inesperado visitante, mandou chamar Tiago para resolverem os três a decisão a tomar.

O filho de Alfeu, transformado em rígido asceta, arregalou os olhos.

Depois das primeiras opiniões, que traduziam receios justos, e emitidas precipitadamente, Simão exclamou com grande prudencia:

— Em verdade, ele nos fez o mal que pôde; entretanto, não é por nós que devemos temer e sim pela obra do Cristo que nos está confiada.

— Aposto em que toda essa história da conversão se resume numa farsa, a-fim-de que venhamos a cair em novas ciladas — obtemperou Tiago um tanto displicente.

— Por mim — disse João — peço a Jesus nos esclareça, embora me recorde dos açoites que ele mandou aplicar-me no cárcere. Antes de tudo, é indispensavel saber se o Cristo, de fato, lhe apareceu ás portas de Damasco.

— Mas saber como? — dizia Pedro com profunda compreensão. — Nosso material de reconhecimento é o proprio Saulo. Ele é o campo que revelará ou não a planta sagrada do Mestre. A meu ver, tendo a zelar um patrimonio que nos não pertence, somos obrigados a proceder como aconselha a prudencia humana. Não é justo abriremos as portas, quando não lhe conhecemos o intuito. Da primeira vez que aqui esteve, Saulo de Tarso foi tratado com o respeito que o mundo lhe consagrava. Busquei-lhe o melhor lugar para que ouvisse a palavra de Estevam. Infelizmente, sua attitude

desrespeitosa e ironica provocou escandalo, que culminou na prisão e morte do companheiro. Veiu espontaneamente e voltou para prender-nos. Ao carinho fraternal que lhe oferecemos, retribuiu com algemas e cordas. Assim me externando, tambem não devo esquecer a lição do Mestre, relativamente ao perdão e por isso reafirmo que não penso por nós, mas pelas responsabilidades que nos foram conferidas.

Ante considerações tão justas, os outros calaram, enquanto o ex-pescador acrescentava:

— Por conseguinte, não me é permitido recebê-lo nesta casa, sem maior exame, ainda que me não falte sincera boa vontade para isso. Resolvendo o assunto por esta fórmula, convocarei uma reunião para hoje á noite. O assunto é muito grave. Saulo de Tarso foi o primeiro perseguidor do Evangelho. Quero que todos cooperem comigo nas decisões a tomar, pois, de mim mesmo não quero parecer nem injusto, nem imprevidente.

E depois de longa pausa, dizia para o emissário:

— Vai, Prócoro. Dize-lhe que volte depois, que hoje não posso deixar os quefazeres mais urgentes.

— E se ele insistir? — perguntou o diácono preocupado.

— Se ele de fato aqui vem em nome de Jesus, saberá compreender e esperar.

Saulo aguardava ansiosamente o mensageiro. Era-lhe preciso encontrar alguém que o entendesse e lhe sentisse a transformação. Estava exausto. A igreja do "Caminho" era a derradeira esperança.

Prócoro transmitiu-lhe o recado com grande indecisão. Não era preciso mais para que tudo compreendesse. Os Apóstolos galileus não acreditavam na sua palavra. Agora examinava a situação com mais clareza. Percebia a indefinivel e grandiosa misericordia do Cristo visitando-o, inesperadamente, no auge do seu abismo espiritual, ás portas de Damasco. Pelas dificuldades para ir ter com Jesus, avaliava quanta bondade e compaixão seriam necessarias para que o Mestre o acolhesse, en-

dereçando-lhe sagradas exortações, no encontro inescusável.

O diácono fixou-o com simpatia. Saulo recebera a resposta altamente desapontado. Ficou pálido e tremulo, como que envergonhado de si mesmo. Além disso, tinha aspecto doentio, olhos encovados, era pele e osso.

— Compreendo, irmão — disse de olhos molhados. — Pedro tem motivos justos...

Aquelas palavras comoveram a Prócoro no mais íntimo da alma e, evidenciando seu bom desejo de ampara-lo, exclamou a demonstrar perfeito conhecimento dos fatos:

— Não trazeis de Damasco alguma apresentação de Ananias?

— Já tenho comigo as do Mestre.

— Como assim? — perguntou o diácono admirado.

— Jesus disse em Damasco, — falou o visitante com serenidade — que mostraria quanto me compete sofrer por amor ao seu nome.

Íntimamente, o ex-doutor da Lei sentia imensas saudades dos irmãos de Damasco, que o haviam tratado com a maior simplicidade. Entretanto, considerou, simultaneamente, que semelhante proceder era justo, porquanto, dera provas na sinagoga e junto de Ananias, de que sua atitude não comportava simulação. Ao refletir que Jerusalém o recebia, em toda parte, como vulgar mentiroso, sentiu lágrimas quentes afluírem-lhe aos olhos. Mas, para que o outro não lhe visse a sensibilidade ferida, exclamou justificando-se:

— Tenho os olhos cansados pelo sol do deserto! Podereis fornecer-me um pouco de água fresca?

O diácono atendeu prontamente.

Daí a instantes, Saulo mergulhava as mãos num grande jarro, lavando os olhos em água pura.

— Voltarei depois — disse em seguida, estendendo a mão ao auxiliar dos apóstolos, que se afastou impressionado.

Amargando a fraqueza organica, o cansaço, o abandono dos amigos, as desilusões mais acerbadas, o moço de Tarso retirou-se cambaleante.

A' noite, consoante deliberara, Simão Pedro evidenciando admirável bom senso, reuniu os companheiros de mais responsabilidade para considerar o assunto. Além dos Apóstolos galileus, estavam presentes os irmãos Nicanor, Prócoro, Parmenas, Timon, Nicolau e Barnabé, este último incorporado ao grupo de auxiliares mais diretos da igreja, por suas elevadas qualidades de coração.

Com permissão de Pedro, Tiago iniciou as conversações, manifestando-se contrário a qualquer especie de auxilio imediato ao convertido da última hora. João ponderou que Jesus tinha poder para transformar os espíritos mais perversos, como para levantar os mais infortunados da sorte. Prócoro relatou suas impressões a respeito do pertinaz perseguidor do Evangelho, ressaltando a compaixão que seu estado de saúde despertava nos corações mais insensíveis. Chegada a sua vez, Barnabé esclareceu que, ainda em Chipre, antes de transferir-se definitivamente para Jerusalém, ouvira alguns levitas descreverem a coragem com que o convertido falara na sinagoga de Damasco, logo após a visão de Jesus.

O ex-pescador de Cafarnaum solicitou pormenores do companheiro, impressionado com a sua opinião. Barnabé explicou quanto sabia, manifestando o desejo de que resolvessem a questão com a maior benevolencia.

Nicolau, percebendo a atmosfera de boa vontade que se formava em torno da figura do ex-rabino, objetava com a sua rigidez de principios:

— Convenhamos que não é justo esquecer os aleijados que se encontram nesta casa, vítimas da odiosa truculencia dos asseclas de Saulo. E' das escrituras, que exige cuidado com os lobos que penetram no redil sob a pele das ovelhas. O doutor da Lei que nos fez tanto mal, sempre deu preferencia ás grandes expressões espetaculares contra o Evangelho, no Sinhedrio. Quem sabe nos prepara atualmente nova armadilha de grande efeito?

A tal pergunta, o bondoso Barnabé curvou a frente, em silencio. Pedro notou que a reunião se dividia em

dois grupos. De um lado estavam ele e João chefiando os pareceres favoráveis; do outro, Tiago e Felipe encabeçavam o movimento contrário. Acolhendo a admoestação de Nicolau, exprimiu-se com brandura:

— Amigos, antes da enunciação de qualquer ponto de vista pessoal, conviria refletirmos na bondade infinita do Mestre. Nos trabalhos de minha vida, anteriores ao Pentecostes, confesso que as faltas de toda sorte aparecem no meu caminho de homem frágil e pecador. Não hesitava em apedrejar os mais infelizes e cheguei, mesmo, a advertir o Cristo para fazê-lo! Como sabeis, fui dos que negaram o Senhor na hora extrema. Entretanto, depois que nos chegou o conhecimento pela inspiração celeste, não será justo olvidarmos o Cristo em qualquer iniciativa. Precisamos pensar que, se Saulo de Tarso está se valendo de semelhantes expedientes para desferir novos golpes nos servidores do Evangelho, então ele é ainda mais desgraçado que antes, quando nos atormentava abertamente. Sendo, pois, um necessitado, de qualquer modo, não vejo razões para lhe recusarmos mãos fraternas.

Percebendo que Tiago preparava-se para defender o parecer de Nicoláu, Simão Pedro continuou, depois de ligeira pausa:

— Nosso irmão acaba de referir-se ao símbolo do lobo que surge no redil com a péle das ovelhas generosas e humildes. Concorro com essa expressão de zelo. Também eu não pude acolher Saulo, quando hoje nos bateu á porta, atento á responsabilidade que me foi confiada. Nada quis decidir sem o vosso concurso. O Mestre nos ensinou que nenhuma obra útil se poderá fazer na Terra sem a cooperação fraternal. Mas aproveitando o parecer enunciado, examinemos, com sinceridade, o problema imprevisto. Em verdade, Jesus recomendou nos acautelassemos contra o fermento dos fariseus, esclarecendo que o discípulo deverá possuir consigo a doçura das pombas e a prudência das serpentes. Convenhamos em que, de fato, Saulo de Tarso possa ser o lobo simbólico. Ainda aí, após desse conhecimento hipotético, teríamos profunda questão a re-

solver. Se estamos numa tarefa de paz e de amor, que fazer com o lobo, depois da necessária identificação? Matar? Sabemos que isso não entra em nossa linha de conta. Não seria mais razoável refletir nas possibilidades da domesticação? Conhecemos homens rudes que conseguem dominar cães ferozes. Onde estaria, pois, o espírito que Jesus nos legou como sagrado patrimonio, se por temores mesquinhos deixássemos de praticar o bem?

A palavra concisa do apóstolo tivera efeito singular. O proprio Tiago parecia desapontado pelas anteriores reflexões. Em vão, Nicolau procurou argumentos novos para formular outras objeções. Observando o pesado silencio que se fizera, Pedro sentenciou serenamente:

— Desse modo, amigos, proponho convidarmos Barnabé para visitar pessoalmente o doutor de Tarso, em nome desta casa. Ele e Saulo não se conhecem, valorizando-se melhor semelhante oportunidade, porque ao vê-lo, o moço tarsense nada terá que recordar do seu passado em Jerusalém. Se fôsse visitado, pela primeira vez por um de nós, talvez se perturbasse, julgando nossas palavras como de alguém que lhe fôsse pedir contas.

João aplaudiu a idéia calorosamente. Em face do bom senso que as expressões de Pedro revelavam, Tiago e Felipe mostravam-se satisfeitos e tranquilos. Combinou-se a diligência de Barnabé para o dia seguinte. Aguardariam Saulo de Tarso com interesse. Se, de fato, sua conversão fôsse real, tanto melhor.

O diácono de Chipre destacava-se por sua grande bondade. Sua expressão carinhosa e humilde, seu espírito conciliador, contribuíam, na igreja, para a solução pacífica de todos os assuntos.

Com um sorriso generoso, Barnabé abraçou o ex-rabino, pela manhã, na pensão em que ele se hospedara. Nenhum traço da sua nova personalidade indiciava aquele perseguidor famoso, que fizera Simão Pedro decidir a convocação dos amigos para resolver o seu acolhimento. O ex-doutor da Lei era todo humildade e estava doente. Indisfarsavel fadiga transparecia-lhe nos mínimos gestos. A fisionomia não iludia um grande

sofrimento. Correspon­dia ás palavras afetuosas do vi­sitante com um sorriso triste e acanhado. Via-se-lhe, entretanto, a satisfação que a visita lhe causava. O gesto espontaneo de Barnabé sensibilizava-o. A seu pe­dido, Saulo contou-lhe a viagem a Damasco e a gloriosa visão do Mestre, que constituia o marco inolvidavel da sua vida. O ouvinte não dissimulou simpatias. Em poucas horas, sentia-se tão identificado com o novo amigo quais se fôsem conhecidos de longos anos. Após a conversação, Barnabé pretextou qualquer coisa para dirigir-se ao dono da hospedaria, a quem pagou as despesas da hospedagem. Em seguida, convidou-o a acompanhar-lo á igreja do "Caminho". Saulo não deixou de hesitar, enquanto o outro insistia.

— Receio — disse o moço tarsense um tanto indeciso — pois já ofendi muito a Simão Pedro e demais companheiros. Só por acrescimo de misericórdia do Cristo conseguí uma réstea de luz, para não perder o resto dos meus dias.

— Ora essa! — exclamou Barnabé batendo-lhe no ombro com bonomia — quem não terá errado na vida? Se Jesus nos tem valido a todos, não é porque o merecamos, mas pela necessidade de nossa condição de pecadores.

Em poucos minutos, encontravam-se a caminho, no­tando o emissário de Pedro o penoso estado de saúde do antigo rabino. Muito pálido e abatido, parecia caminhar com esforço; tremiam-lhe as mãos, sentia-se febril. Deixava-se levar como alguém que conhecesse a necessidade de amparo. Sua humildade comovia o ou­tro, que, a seu respeito ouvira tantas referencias de­sairosas.

Chegados á casa, Prócoro lhes abriu a porta, mas, desta vez, Saulo não ficaria a esperar indefinidamente. Barnabé tomou-lhe a mão, afetuoso e dirigiram-se para o vasto salão, onde Pedro e Timon os esperavam. Saudaram-se em nome de Jesus. O antigo perseguidor empalidecera mais. Por sua vez, ao vê-lo, Simão não ocultou um movimento de espanto ao notar-lhe a dife­rença física.

Aqueles olhos encovados, a extrema fraqueza or­ganica, falavam aos apóstolos galileus de profundos so­frimentos.

— Irmão Saulo — disse Pedro comovido — Jesus quer que sejas benvindo a esta casa.

— Assim seja — respondeu o recém-chegado de olhos húmidos.

Timon abraçou-o com palavras afetuosas, em lugar de João que se ausentara ao amanhecer, a serviço da confraria de Joppe.

Em breves momentos, vencendo o constrangimento do primeiro contacto com os amigos pessoais do Mestre, depois de tão longa ausencia, o moço tarsense atenden­do-lhes ao pedido, relatava a jornada de Damasco com todos os pormenores do grande acontecimento, eviden­ciando singular emotividade nas lágrimas que lhe banha­vam o rosto. Sensibilizara-se, sobremaneira, ao relem­brar tamanhas graças. Pedro e Timon já não tinham dúvidas. A visão do ex-rabino tinha sido real. Ambos, em companhia de Barnabé, seguiram a descrição até ao fim, com olhos cheios de pranto. Efetivamente, o Mestre voltara a converter o grande perseguidor da sua doutrina. Requistando Saulo de Tarso para o redil do seu amor, revelara, mais uma vez, a lição imortal do perdão e da misericórdia.

Terminada a narrativa, o ex-doutor da Lei estava cansado e abatido. Instado a explanar suas novas es­peranças, seus projetos de trabalho espiritual, bem como o que pretendia fazer em Jerusalém, confessou-se desde logo profundamente reconhecido por tanto interesse afe­tuoso e falou com certa timidez:

— Necessito entrar numa fase ativa de trabalho com que possa desfazer meu passado culposo. E' ver­dade que fiz todo o mal á igreja de Jesus, em Jerusalém; mas, se a misericórdia de Jesus dilatar minha perma­nencia no mundo, empregarei o tempo em estender esta casa de amor e paz a outros lugares da Terra.

— Sim, — replicou Simão ponderadamente — certo que o Messias renovará tuas forças, de modo a poderes atender a tão nobre cometimento, na época oportuna.

Saulo parecia confortar-se com a palavra de encorajamento, e deixando perceber que desejava consolidar a confiança dos ouvintes, arrancou das dobras da túnica rafada um rôlo de pergaminhos e, apresentando-o ao ex-pescador de Cafarnaum, exclamou sensibilizado:

Aqui está uma relíquia da amizade de Gamaliél, que trago invariavelmente comigo. Pouco antes de morrer, ele deu-me a cópia das anotações de Levi, concernentes á vida e feitos do Salvador. Tinha em grande conta estas notas, porque as recebeu desta casa, na primeira visita que lhe fez.

Simão Pedro evocando gratas recordações, tomou os pergaminhos com vivo interêsse. Saulo verificava que o presente de Gamaliél tivera finalidade prevista pelo generoso doador. Desde esse instante, os olhos do antigo pescador fixaram-se nele com mais confiança. Pedro falou da bondade do generoso rabino, informando-se da sua vida em Palmira; dos seus últimos dias, do seu traspasse. O discípulo atendia satisfeito.

Voltando ao assunto das suas novas perspectivas, explicou-se mais amplamente, sempre humilde:

— Tenho muitos planos de trabalho para o futuro, mas sinto-me combalido e doente. O esforço da última viagem, sem recursos de qualquer natureza, agravou-me a saúde. Sinto-me febril, o corpo dolorido, a alma exausta.

— Tens falta de dinheiro? — interrogou Simão bondosamente.

— Sim... — respondeu hesitante.

— Essas necessidades — esclareceu Pedro — já foram providas em parte. Não te preocupes em demasia. Recomendei a Barnabé que pagasse as primeiras despesas da hospedaria e, quanto ao mais, convidamos-te a repousar conosco o tempo que quizeres. Esta casa é tambem tua. Usa de nossas possibilidades como te aprouver.

O hóspede sensibilizou-se. Recordando o passado, sentia-se ferido no seu amor proprio; mas, ao mesmo tempo rogava a Jesus o auxiliasse para não desprezar as oportunidades de aprendizado.

— Aceito... — respondeu em voz reticenciosa, revelando acanhamento — ficarei convosco enquanto minha saúde necessitar de tratamento...

E como se tivesse extrema dificuldade em acrescentar um pedido ao favor que aceitava, depois de longa pausa em que se lhe notava o esforço para falar, solicitou comovedoramente:

— Caso fôsse possível, desejaria ocupar o mesmo leito em que Estevam foi recolhido, generosamente, nesta casa.

Barnabé e Pedro ficaram altamente emocionados. Todos haviam combinado não fazer alusão ao prégador massacrado sob apupos e pedradas. Não queriam lembrar o passado perante o convertido de Damasco, ainda mesmo que sua atitude não fôsse essencialmente verdadeira.

Ouvindo-o, o antigo pescador de Cafarnaum chegou quasi a chorar. Com extrema dedicação, satisfiz-lhe o pedido e assim foi ele conduzido ao interior, onde se acomodou entre lençóis muito alvos. Pedro fez mais: compreendendo a profunda significação daquele desejo, trouxe ao convertido de Damasco os singelos pergaminhos que o mártir utilizava diariamente no estudo e meditação da Lei, dos Profetas e do Evangelho. A-pesar-da febre, Saulo regosijou-se. Tomado de profunda comoção, nas passagens prediletas dos pergaminhos sagrados, leu o nome de "Abigail", grafado diversas vezes. Ali estavam frases peculiares á dialética da noiva amada, datas que coincidiam, perfeitamente, com as suas revelações intimas, quando ambos se entretenham a falar do passado, no pomar de Zacarias. A palavra "Corinto" era repetida muitas vezes. Aqueles documentos pareciam ter uma voz. Falavam-lhe ao coração, de um grande e santo amor fraternal. Ouviu-a em silencio e guardou as conclusões avaramente. Não revelaria a ninguem suas intimas dores. Bastavam aos outros, os grandes erros da sua vida pública, os remorsos, as retificações que, a-pesar-de verificadas em campo aberto, raros amigos conseguiam compreender. Observando-lhe a atitude de constante meditação, Pedro des-

dobrou-se na tarefa de assistência fraternal. Eram as palestras amigas, os comentários a-cerca-do poder de Jesus, os caldos suculentos, as frutas substanciosas, a palavra de bom ânimo. Por tudo isso, sensibilizava-se o doente, sem saber como traduzir sua gratidão imperecível.

Entretanto, notou que Tiago, filho de Alfeu, receoso, talvez, dos seus antecedentes, não se dignava dirigir-lhe uma palavra. Arvorado em rígido cumpridor da Lei de Moisés, dentro da igreja do "Caminho", era percebido, de vez em quando, pelo moço tarsense, qual sombra impassível a deslizar, balbuciando preces silenciosas, entre os enfêrmos. A princípio, sentiu quanto lhe doía aquele desinteresse; mas logo considerou a necessidade de humilhar-se diante de todos. Nada fizera, ainda, que pudesse positivar suas novas convicções. Quando dominava no Sinhedrio, também não perdoava as adesões de última hora.

Logo que entrou a convalescer, já plenamente identificado com a afeição de Pedro, pediu-lhe conselhos sobre os planos que tinha em mente, encarecendo a máxima franqueza, para que pudesse enfrentar a situação, por mais duras que lhe fossem as circunstancias.

— De minha parte — disse o Apóstolo ponderadamente — não me parece razoavel permanecerem em Jerusalém, por enquanto, neste período de renovação. Para falar com sinceridade, ha que considerar teu novo estado dalma como a planta preciosa que começa a germinar. E' necessário dar liberdade ao germe divino da fé. Na hipótese da tua permanencia aqui, encontrarias, diariamente, de um lado os sacerdotes intransigentes em guerra contra o teu coração; e de outro as pessoas incompreensíveis, que falam nas extremas dificuldades do perdão, embora conheçam, de sobra, as lições do Mestre nesse sentido. Não debes ignorar que a perseguição aos simpatizantes do "Caminho" deixou traços muito profundos na alma popular. Não raro, aqui chegam pessoas mutiladas, que amaldiçoam o movimento. Isso para nós, Saulo, está num passado que jamais voltará; contudo, essas criaturas não o poderão compreender assim, de

pronto. Em Jerusalém estarias mal colocado. O germe de tuas novas convicções encontraria mil elementos hostis e talvez ficasses á mercê da exasperação.

O rapaz ouviu as advertencias ralado de angústia, mas não protestou. O apóstolo tinha razão. Em toda a cidade encontraria críticas soezes e destruidoras.

— Voltarei a Tarso... — disse com humildade — é possível que meu velho pai compreenda a situação e ajude meus passos. Sei que Jesus abençoará meus esforços. Se é preciso recomeçar a existencia, recomeçala-ei no lar de onde provim....

Simão contemplou-o com ternura, admirado daquela transformação espiritual.

Diariamente, ambos reatavam as palestras amistosias. O convertido de Damasco, inteligencia fulgurante, revelava curiosidade insaciavel a respeito da personalidade do Cristo, dos seus mínimos feitos e mais sutis ensinamentos. Outras vezes, solicitava ao ex-pescador todos os informes possiveis sobre Estevam, regosijando-se com as lembranças de Abigail, embora guardasse avaramente os pormenores do seu romance da mocidade. Inteirou-se, então, dos seus pesados trabalhos no cativeiro; da sua dedicação a um patricio de nome Sergio Paulo; da fuga em miseravel estado de saúde, no porto palestinese; do ingresso na igreja do "Caminho" como indigente, das primeiras noções do Evangelho e consequente iluminação em Cristo Jesus. Encantava-se, ouvindo as narrativas simples e amorosas de Pedro, que revelava sua veneração ao mártir, evitando melindra-lo na sua condição de verdugo repeso.

Logo que pôde levantar-se da cama, foi ouvir as pregações naquele mesmo recinto onde insultara o irmão de Abigail, pela primeira vez. Os expositores do Evangelho eram, mais frequentemente, Pedro e Tiago. O primeiro falava com profunda prudencia, embora valendo-se de maravilhosas expressões simbólicas. O segundo, entretanto, parecia torturado pela influencia judaizante. Tiago dava a impressão de reingresso da maioria dos ouvintes nos regulamentos farisaicos. Suas preleções fugiam ao padrão de liberdade e de amor em

Jesus Cristo. Revelava-se encarcerado nas concepções estreitas do judaísmo dominante. Longos períodos de seus discursos referiam-se às carnes impuras, às obrigações para com a Lei, aos imperativos da circuncisão. A assembléia também parecia completamente modificada. A igreja assemelhava-se muito mais á uma sinagoga comum. Israelitas, em atitude solene, consultavam pergaminhos e papiros, contendo prescrições de Moisés. Saulo procurou, em vão, a figura impressionante dos sofreadores e aleijados que vira no recinto, quando ali esteve pela primeira vez. Curiosíssimo, notou que Simão Pedro atendia-os numa sala contígua, com grande bondade. Aproximou-se mais e pôde observar que, enquanto a prégagação reproduzia a cena exata das sinagogas, os aflitos se sucediam ininterruptamente na sala humilde do ex-pescador de Cafarnaum. Alguns saíam conduzindo bilhas de remédio, outros levavam azeite e pão.

Saulo impressionou-se. A igreja do "Caminho" parecia muito mudada. Faltava-lhe alguma coisa. O ambiente geral era de asfixia de todas as idéias do Nazareno. Não mais encontrou ali a grande vibração de fraternidade e de unificação de princípios pela independência espiritual. Depois de aturadas reflexões, tudo atribuía á falta de Estevam. Morto ele, extinguiu-se o esforço do Evangelho livre. Ele era o fermento divino da renovação. Sómente agora capacitava-se da grandeza da sua elevada tarefa.

Quís pedir a palavra, falar como em Damasco, zurzir os erros de interpretação, sacudir a poeira que se adensava sôbre o imenso e sagrado idealismo do Cristo, mas lembrou as ponderações de Pedro e calou-se. Não era justo, por enquanto, verberar o procedimento de outrem, quando não déra obras de si mesmo, por testemunhar a própria renovação. Se tentasse falar, podia ouvir, talvez, reprimendas justas. Além disso, notava que os conhecidos de outros tempos, frequentadores agora da igreja do "Caminho", sem abandonar, de modo algum, seus princípios erroneos, olhavam-no de soslaio, sem dissimular desprezo, considerando-o em perturbação mental. No entanto, era com esforço supremo

que sopitava o desejo de terçar armas, mesmo ali, para restauração da verdade pura.

Após a primeira reunião, procurou oportunidade de estar a sós com o ex-pescador de Cafarnaum, a-fim-de inteirar-se das inovações observadas.

— A tempestade que desabou sôbre nós — explicou Pedro generosamente, sem qualquer alusão ao seu procedimento de outrora — levou-me a sérias meditações. Desde a primeira diligencia do Sinhédrio nesta casa, notei que Tiago sofrera profundas transformações. Entregou-se á uma vida de grande ascetismo e rigoroso cumprimento da Lei de Moisés. Pensei muito na mudança das suas atitudes, mas, por outro lado, considerei que ele não é máu. E' companheiro zeloso, dedicado e leal. Calei-me para mais tarde concluir que tudo tem uma razão de ser. Quando as perseguições apertaram o cerco, a atitude de Tiago, embora pouco louvavel, quanto a liberdade do Evangelho, teve seu lado benéfico. Os delegados mais truculentos respeitaram-lhe o devocionismo mosaico e suas amizades sinceras no judaísmo permitiram-nos a manutenção do patrimonio de Cristo. Eu e João tivemos horas angustiosas, na consideração desses problemas. Estaríamos sendo insinceros, falsearíamos a verdade? Ansiosamente rogamos a inspiração do Mestre. Com o auxilio de sua divina luz, chegamos a criteriosas conclusões. Seria justo lutar a videira ainda tenra com a figueira brava? Se fossemos atender ao impulso pessoal de combater os inimigos da independencia do Evangelho, esqueceríamos, fatalmente, a obra coletiva. Não é lícito que o timoneiro, por testemunhar a excelencia de conhecimentos náuticos, atire o barco contra os rochedos, com prejuizo de vida para quantos confiaram no seu esforço. Consideramos, assim, que as dificuldades eram muitas e precisavamos, enquanto mínima fosse a nossa possibilidade de ação, conservar a árvore do Evangelho ainda tenra, para aqueles que viessem depois de nós. Além do mais, Jesus ensinou que só conseguimos elevados objetivos neste mundo, cedendo alguma coisa de nós mesmos. Por intermédio de Tiago, o farisaísmo acede em caminhar conosco. Pois

bem: consoante os ensinamentos do Mestre, caminharemos as milhas possíveis. E julgo mesmo que, se Jesus assim nos ensinou, é porque na marcha temos a oportunidade de ensinar alguma cousa e revelar quem somos.

Enquanto Saulo o contemplava com redobrada admiração pelos judiciosos conceitos emitidos, o apóstolo rematava:

— Isso passa! A obra é do Cristo. Se fôsse nossa, falharia por certo, mas nós não passamos de simples e imperfeitos cooperadores.

Saulo guardou a lição e recolheu-se pensativo. Pedro parecia-lhe muito maior agora, no seu fóro íntimo. Aquela serenidade, aquele poder de compreensão dos fatos mínimos, davam-lhe idéia da sua profunda iluminação espiritual.

De saúde refeita, antes de qualquer deliberação sobre o novo caminho a tomar, o moço tarsense desejou rever Jerusalém num impulso natural de afeição aos lugares que lhe sugeriam tantas lembranças cariciosas. Visitou o Templo, experimentando o contraste das emoções. Não se animou a penetrar no Sinédrio, mas procurou, ansioso a sinagoga dos cilicianos, onde presumia reencontrar as amizades nobres e afaveis de outros tempos. Entretanto, mesmo ali onde se reuniam os conterrâneos residentes em Jerusalém, foi recebido friamente. Ninguém o convidou ao labor da palavra. Apenas alguns conhecidos de sua família apertaram-lhe a mão secamente, evitando-lhe a companhia, de modo ostensivo. Os mais irônicos, terminados os serviços religiosos, dirigiram-lhe perguntas, com sorrisos escarninhos. Sua conversação ás portas de Damasco era glosada com di-térios acerados e deprimentes.

— Não seria algum sortilégio dos feiticeiros do "Caminho"? — diziam uns. — Não seria Demétrio que se vestira de Cristo e lhe deslumbrara os olhos doentes e fatigados? — interrogavam outros.

Percebeu as ironias de que estava sendo objeto. Tratavam-no como demente. Foi aí que, sem sopitar a impulsividade do coração honesto, subiu ousadamente num estrado e falou com orgulho:

— Irmãos da Cilícia, estais enganados. Não estou louco. Não busqueis arguir-me porque eu vos conheço e sei medir a hipocrisia farisáica.

Estabeleceu-se luta imediata. Velhos amigos vociferavam improperios. Os mais ponderados cercaram-no como se o fizessem a um doente e pediram-lhe que se calasse. Saulo precisou fazer um esforço heroico para conter a indignação. A custo, conseguiu dominar-se e retirou-se. Em plena via pública, sentia-se assaltado por idéias escaldantes. Não seria melhor combater abertamente, prégear a verdade sem consideração pelas máscaras religiosas que enchiam a cidade? A seus olhos era justo refletir na guerra declarada aos erros farisáicos. E se, ao contrário das ponderações de Pedro, assumisse em Jerusalém a chefia de um movimento mais vasto, a favor do Nazareno? Não tivera a coragem de perseguir-lhe os discípulos, quando os doutores do Sinédrio eram todos complacentes? Por que não assumir, agora, a atitude da reparação encabeçando um movimento em contrário? Havia de encontrar alguns amigos que se lhe associassem ao esforço ardente. Com esse gesto, auxiliaria o proprio irmão na sua tarefa dignificante em pról dos necessitados.

Fascinado com tais perspectivas, penetrou no Templo famoso. Recordou os dias mais recuados da infancia e da primeira juventude. O movimento popular no recinto já lhe não despertava o interesse de outróra. Instintivamente, aproximou-se do local onde Estevam sucumbira. Lembrou a cena dolorosa, detalhe por detalhe. Penosa angústia assomava-lhe ao coração. Orou com fervor ao Cristo. Entrou na sala onde estivera a sós com Abigail, a ouvir as últimas palavras do mártir do Evangelho. Compreendia, enfim, a grandeza daquela alma que o perdoara *in extremis*. Cada palavra do moribundo ressoava-lhe agora, estranhamente, nos ouvidos. A elevação de Estevam fascinava-o. O prégador do "Caminho" havia-se imolado por Jesus! Por que não fazê-lo também ele?... Era justo ficar em Jerusalém, seguir-lhe os passos heróicos, para que a lição do Mestre fôsse compreendida. Na recordação do passado, o moço

tarsense mergulhava-se em preces fervorosas. Suplicava a inspiração do Cristo para seus novos caminhos. Foi aí que o convertido de Damasco, exteriorizando as faculdades espirituais, fruto das penosas disciplinas, observou que um vulto luminoso surgia inopinadamente a seu lado, falando-lhe com inefável ternura:

— Retira-te de Jerusalém, porque os antigos companheiros não aceitarão, por enquanto, o testemunho!

Sob o pálio de Jesus, Estevam seguia-lhe os passos na senda do discípulo, embora a posição transcendental de sua assistência invisível. Saulo, naturalmente, cuidou que era o proprio Cristo o autor da carinhosa advertência e, fundamentalmente impressionado, demandou a igreja do "Caminho", informando a Simão Pedro o que ocorrera.

— Entretanto — acabou dizendo ao generoso apóstolo que o ouvia admirado — não devo ocultar que tencionava agitar a opinião religiosa da cidade, defender a causa do Mestre, restabelecer a verdade em sua feição integral.

Enquanto o ex-pescador escutava em silêncio, como a reforçar a resposta, o novo discípulo continuava:

— Estevam não se entregou ao sacrifício? Sinto que nos falta aqui uma coragem igual á do martir, succumbido a pedradas da minha ignorancia.

— Não, Saulo — replicou Pedro com firmeza — não seria razoavel pensar assim. Tenho maior experiencia da vida, embora não tenha cabedais de intelligencia semelhantes aos teus. Está escrito que o discípulo não poderá ser maior que o mestre. Aqui mesmo, em Jerusalém, vimos Judas cair numa cilada igual a esta. Nos dias angustiosos do Calvário, em que o Senhor provou a excelencia e a divindade do seu amor e nós o amargo testemunho da exigua fé, condenamos o infortunado companheiro. Alguns irmãos nossos mantêm, até o presente, a opinião dos primeiros dias; mas, em contacto com as realidades do mundo, cheguei á conclusão de que Judas foi mais infeliz que perverso. Ele não acreditava na validade das obras sem dinheiro, não aceitava outro poder que não fosse o dos principes do mundo. Estava sempre inquieto pelo triunfo immediato

das idéias de Cristo. Muitas vezes, vimo-lo altercar, impaciente pela construção do Reino de Jesus adstrito aos principios políticos do mundo. O Mestre sorria e fingia não entender as insinuações, como quem estava senhor do seu divino programa. Judas, antes do apostolado, era negociante. Estava habituado a vender a mercadoria e receber o pagamento immediato. Julgo, nas meditações de agora, que ele não pôde compreender o Evangelho de outra fórma, ignorando que Deus é um credor cheio de misericórdia, que espera generosamente a todos nós, que não passamos de miseros devedores. Talvez amasse profundamente o Messias, e contudo, a inquietação fê-lo perder na oportunidade sagrada. Tão só pelo desejo de apressar a vitória, engendrou a tragedia da cruz, com a sua falta de vigilancia.

Saulo ouvia assombrado aquelas considerações justas e o bondoso apóstolo continuava:

— Deus é a Providencia de todos. Ninguém está esquecido. Para que ajuizes melhor da situação, admitamos que fosses mais feliz que Judas. Figuremos tua vitória pessoal no feito. Concedamos que pudesses atrair para o Mestre toda a cidade. E depois? Deverias e poderias responder por todos os que aderissem ao teu esforço? A verdade é que poderias atrair, mas não converter. Como não te fôsse possivel atender a todos, em particular, acabarias execrado pela mesma fórma. Se Jesus, que pôde o tudo neste mundo, sob a égide do Pai espera com paciencia a conversão do mundo, por que não poderemos esperar, de nossa parte? A melhor posição da vida é a do equilibrio. Não é justo desejar fazer nem menos, nem mais do que nos compete, mesmo porque, o Mestre sentenciou que a cada dia bastam os seus trabalhos.

O convertido de Damasco estava surpreso a mais não poder. Simão apresentava argumentos irretorquiveis. Sua inspiração assombrava-o.

— A' vista do que ocorreu — prosseguiu o ex-pescador serenamente — importa que te vás logo que caia a noite. A luta iniciada na sinagoga dos Cilícios é muito mais importante que os atritos de Damasco.

E' possível que amanhã procurem encarcerar-te. Além disso, a advertencia recebida no Templo não é de molde a procrastinarmos providencias indispensaveis.

Saulo concordou de boamente com o alvitre. Poucas vezes na vida escutara observações tão sensatas.

— Pretendes voltar á Cilícia? — disse Pedro com inflexão paternal.

— Já não tenho mais aonde ir — respondeu com resignado sorriso.

— Pois bem, partirás para Cesaréia. Temos ali amigos sinceros que te poderão auxiliar.

O programa de Simão Pedro foi rigorosamente cumprido. A' noite, quando Jerusalém se envolvia em grande silêncio, um cavalheiro humilde transpunha as portas da cidade, na direcção dos caminhos que conduziam ao grande porto palestinense.

Torturado pelas apreensões constantes da sua nova vida, chegou á Cesaréia decidido a não se deter ali muito tempo. Entregou as cartas de Pedro que o recomendavam aos amigos fiéis. Recebido com simpatia por todos, não teve dificuldades em retomar o caminho da cidade natal.

Dirigindo-se agora para o cenário da infancia, sentia-se extremamente comovido com as mínimas recordações. Aqui, um acidente do caminho a sugerir cariciosas lembranças; ali, um grupo de árvores envelhecidas a despertarem especial atenção. Várias vezes, passou por caravanas de camelos que lhe faziam lembrar as iniciativas paternas. Tão intensa lhe fôra a vida espirital, nos últimos anos, tão grandes as transformações, que a vida do lar se lhe figurava um sonho bom, de ha muito evanescido. Através de Alexandre, recebera as primeiras notícias de casa. Lamentava a partida de sua mãe, justamente quando tinha maior necessidade da sua compreensão afetuosa; mas entregava a Jesus os seus cuidados nesse particular. Do velho pai não era razoavel esperar um entendimento mais justo. Espírito formalista, radicado ao farisaísmo de maneira integral, certo não aprovaria a sua conduta.

Atingiu as primeiras ruas de Tarso, de alma opressa. As recordações sucediam-se ininterruptas.

Batendo á porta do lar paterno, pela fisionomia indifferente dos servos compreendeu como voltava transformado. Os dois criados mais antigos não o reconheceram. Guardou silêncio e esperou. Ao fim de longa espera, o progenitor foi recebe-lo. O velho Isaac amparando-se ao cajado, nas adiantadas expressões de um reumatismo pertinaz, não dissimulou um gesto largo de espanto. E' que reconhecera de pronto o filho.

— Meu filho!... — disse com voz energica, procurando dominar a emoção — será possível que os olhos me enganem?

Saulo abraçou-o afetosamente, dirigindo-se ambos para o interior.

Isaac sentou-se e, buscando penetrar o intimo do filho, com o olhar percuciente interrogou em tom de censura:

— Será que estejas mesmo curado?

Para o rapaz, tal pergunta era mais um golpe desferido na sua sensibilidade afetiva. Sentia-se cansado, derrotado, desiludido; necessitava de alento para recommear a existencia num idealismo maior e até o pai o reprovava com perguntas absurdas! Ansioso de compreensão, retrucou de maneira comovedora:

— Meu pai, por piedade, acolhei-me!... Não estive doente, mas sou agora necessitado pelo espirito! Sinto que não poderei reiniciar minha carreira na vida sem algum repouso!... Estendei-me vossas mãos!...

Conhecendo a austeridade paterna e a extensão das proprias necessidades naquela hora difficil do seu caminho, o ex-doutor de Jerusalém humilhou-se inteiramente, pondo na voz toda a fadiga que se lhe represava no coração.

O ancião israelita contemplou-o hieratico, solene, e sentenciou sem compaixão:

— Não estiveste doente? que significa então a triste comédia de Damasco? Os filhos podem ser ingratos e conseguem esquecer, mas os pais, se nunca os retiram do pensamento, sabem sentir melhor a crueldade do seu

proceder... Não te doeria ver-nos vencidos e humilhados com a vergonha que lançaste sobre nossa casa? Ralada de desgostos, tua mãe encontrou lenitivo na morte; mas, eu? Acreditas-me insensível á tua deserção? Se resisti, foi porque guardava a esperança de buscar Jeová, supondo que tudo não passasse de mal-entendido, que uma perturbação mental houvesse atirado contigo na incompreensão e nas críticas injustificáveis do mundo!... Criei-te com todo o desvelo que um pai da nossa raça costuma dedicar ao único filho varão... Sintetizavas gloriosas promessas para nossa estirpe. Sacrifiquei-me por ti, cumulei-te de afagos, não poupei esforços para que pudesses contar com os mestres mais sábios, cuidei da tua mocidade, enchi-te com a ternura do coração e é desse modo que retribues as dedicações e os carinhos do lar?

Saulo podia enfrentar muitos homens armados, sem abdicar da coragem desassomburada que lhe assinalava as atitudes. Podia verberar o procedimento condenável dos outros, ocupar a mais perigosa tribuna para o exame das hipocrisias humanas, mas diante daquele velhinho que não mais podia renovar a fé, e considerando a amplitude dos seus sagrados sentimentos paternais, não reagiu e começou a chorar.

— Choras? — continuou o ancião com grande secura. — Mas eu nunca te dei exemplos de covardia! Lutei com heroísmo nos dias mais difíceis, para que nada te faltasse. Tua fraqueza moral é filha do perjúrio, da traição. Tuas lágrimas vêm do remorso inelutável! Como enveredaste, assim, pelo caminho da mentira execrável? Com que fim engendraste a cena de Damasco para repudiar os princípios que te alimentaram do berço? Como abandonar a situação brilhante do rabino de quem tanto esperavamos, para arvorar-se em companheiro de homens desclassificados, que nunca tiveram a tradição amprosa de um lar?

Ante as acusações injustas, o moço tarsense soluçava, talvez pela primeira vez na vida.

— Quando soube que ias desposar uma jovem sem pais conhecidos — prosseguia o velho implacável — sur-

preendi-me e esperei que te pronunciasses diretamente. Mais tarde, Dalila e o marido eram compelidos a deixar Jerusalém precipitadamente, ralados de vergonha com a ordem de prisão que a sinagoga de Damasco requisitava contra ti. Várias vezes conjecturei se não seria essa criatura inferior que elegeste, a causa de tamanhos desastres morais. Ha mais de três anos levanto-me diariamente para refletir no teu criminoso proceder em detrimento dos mais sagrados deveres!

Em ouvindo aqueles conceitos injustos á pessoa de Abigail, o rapaz cobrou ânimo e murmurou com humildade.

— Meu pai, essa criatura era uma santa! Deus não a quis neste mundo! Talvez, se ela ainda vivesse, teria eu o cérebro mais equilibrado para harmonizar a minha nova vida.

O pai não gostou da resposta, embora a objeção fosse feita em tom de obediência e carinho.

— Nova vida? — glosou irritado — que queres com isso dizer?

Saulo enxugou as lágrimas e respondeu resignado:

— Quero dizer que o episódio de Damasco não foi ilusão e que Jesus reformou minha vida.

— Não poderias ver em tudo isso rematada loucura? — continuou o pai com espanto. — Impossível! como abandonar o amor da família, as tradições veneráveis do teu nome, as esperanças sagradas dos teus, para seguir um carpinteiro desconhecido?

Saulo compreendeu o sofrimento moral do progenitor quando assim se exprimia. Teve impetos de atirar-se-lhe nos braços amorosos; falar-lhe do Cristo, proporcionar-lhe entendimento real da situação. Mas prevendo simultaneamente a dificuldade de se fazer compreendido, observava-o resignado, enquanto ele prosseguia de olhos húmidos, revelando a máguia e a cólera que o dominavam.

— Como pôde ser isso? Se a doutrina malfadada do carpinteiro de Nazaré impõe criminosa indiferença pelos laços mais santos da vida, como negar-lhe nocividade e bastardia? Será justo preferir um aventureiro,

que morreu entre malfeteiros, ao pai digno e trabalhador que envelheceu no serviço honesto de Deus?!...

— Mas, pai — dizia o moço em voz súplice — Cristo é o Salvador prometido!...

Isaac pareceu agravar a propria fúria.

— Blasfemas? — gritou. — Não temes insultar a Providencia Divina? As esperanças de Israel não poderiam repousar numa frente que se esvaiu no sangue do castigo, entre ladrões!... Estás louco! Exijo a reconsideração de tuas atitudes.

Enquanto fazia uma pausa, o convertido objetou:

— E' certo que meu passado está cheio de culpas quando não hesitei em perseguir as expressões da verdade; mas, de três anos á esta parte, não me recordo de ato algum que necessite reconsideração.

O ancião pareceu atingir o auge da cólera e exclamou áspero:

— Sinto que as palavras generosas não quadram á tua razão perturbada. Vejo que tenho esperado em vão, para não morrer odiando alguém. Infelizmente, sou obrigado a reconhecer nas tuas atuais decisões um louco, ou um criminoso vulgar. Portanto, para que nossas atitudes se definam, peço-te que escolhas em definitivo, entre mim e o desprezível carpinteiro!...

A voz paternal, ao enunciar semelhante intimativa era abafada, vacilante, evidenciando profundo sofrimento. Saulo compreendeu e, em vão, procurava um argumento conciliador. A incompreensão do pai angustiava-o. Nunca refletiu tanto e tão intensamente no ensino de Jesus sobre os laços de família. Sentia-se estreitamente ligado ao generoso velhinho, queria ampara-lo na sua rigidez intelectual, abrandar-lhe a feição tiranica, mas compreendia as barreiras que se antepunham aos seus desejos sinceros. Sabia com que severidade fôra formado o seu proprio carater. Prejulgando a inutilidade dos apelos afetivos, murmurou entre humilde e ansioso:

— Ambos nós, meu pai, precisamos de Jesus!...

O velho, inflexível, endereçou-lhe um olhar austero e retrucou com aspereza:

— Tua escolha está feita! Nada tens a fazer nesta casa!...

O velhinho estava trêmulo. Via-se-lhe o esforço espiritual para tomar aquela decisão. Criado nas concepções intransigentes da Lei de Moisés, Isaac sofria como pai; entretanto, expulsava o filho depositario de tantas esperanças, como se cumprisse um dever. O coração amoroso sugeria-lhe piedade, mas o raciocínio do homem, encarcerado nos dogmas implacaveis da raça, abafava-lhe o impulso natural.

Saulo contemplou-o em attitude silenciosa e suplicante. O lar era a derradeira esperança que ainda lhe restava. Não queria crer na última perda. Cravou no ancião os olhos quasi lacrimosos e, depois de longo minuto de especiação, implorou num gesto comovedor que lhe não era habitual:

— Meu pai, tudo me falta. Estou cansado e doente! Não tenho dinheiro algum, necessito da piedade alheia.

E accentuando a queixa dolorosa:

— Também vós me expulsais?!...

Isaac sentiu que a rogativa lhe vibrava no mais intimo do coração. Mas, julgando talvez que a energia era mais eficiente que a ternura, no caso, respondeu secamente:

— Corrige as tuas impressões, porque ninguem te expulsou. Foste tu que votaste os amigos e os afetos mais puros ao supremo abandono!... Tens necessidades? E' justo que peças ao carpinteiro as providencias acertadas... Ele que fez tamanhos absurdos, terá poder bastante para valer-te.

Imensa dôr represou-se no espirito do ex-rabino. As allusões ao Cristo doíam-lhe muito mais que as reprimendas directas que recebera. Sem conseguir refrear a propria angústia, sentiu que lágrimas ardentes rolavam-lhe nas faces queimadas pelo só do deserto. Nunca experimentara pranto assim amargo. Nem mesmo na cegueira angustiosa, consequente á visão de Jesus, chorara tão penosamente. Não obstante esquecido numa pensão sem nome, cego e acabrunhado, sentia a protecção do Mestre que o convocara ao seu divino serviço.

Guardava a impressão de estar mais perto do Cristo. Regosijava-se nas dores mais acerbadas, pelo fato de haver recebido, ás portas de Damasco, o seu apêlo glorioso e direto. Mas depois de tudo, procurava, em vão, apoio nos homens para iniciar a sagrada tarefa. Os mais amigos recomendavam-lhe a distancia. Por último, ali estava o pai, velho e abastado, a recusar-lhe a mão no instante mais doloroso da vida. Expulsava-o. Manifestava aversão por suas idéias regeneradoras. Não lhe tolerava a condição de amigo do Cristo. No pranto que lhe borbullava dos olhos, recordou-se, porém, de Ananias. Quando todos o abandonavam em Damasco, surgira o mensageiro do Mestre, restituindo-lhe o bom ânimo. Seu pai falara-lhe, ironicamente, dos poderes do Senhor. Sim, Jesus não lhe faltaria com os recursos indispensáveis. Lançando ao progenitor um olhar involvidavel, disse humildemente:

— Então, adeus, meu pai!... Dizeis bem, porque estou certo de que o Messias não me abandonará!...

A passos indecisos, aproximou-se da porta de saída. Vagou o olhar nevoado de pranto pelos antigos adornos da sala. A poltrona de sua mãe estava na posição habitual. Recordou o tempo em que os olhos maternos liam para ele as primeiras noções da Lei. Julgou divisar-lhe a sombra a lhe acenar com amoroso sorriso. Jamais experimentara tamanho vácuo no coração. Estava só. Teve receio de si mesmo, porquanto, jamais se vira em tais conjunturas.

Depois da meditação dolorosa, retirou-se em silencio. Olhou, indiferente, o movimento da rua, como alguém que houvesse perdido todo o interesse de viver.

Não déra ainda muitos passos, no seu incerto destino, quando ouviu chamarem-no com insistencia.

Deteve-se á espera e verificou tratar-se de velho servidor do pai, que corria ao seu encalço.

Em poucos instantes, o criado entregava-lhe uma bolsa pesada, exclamando em tom amistoso:

— Vosso pai manda este dinheiro como lembrança.

Saulo experimentou no intimo a revolta do "homem velho". Imaginou invocar a propria dignidade para de-

volver a dádiva humilhante. Assim procedendo ensinaria ao pai que era filho e não mendigo. Dar-lhe-ia uma lição, mostraria o valor proprio, mas considerou, ao mesmo tempo, que as provações rigorosas talvez se verificassem com assentimento de Jesus, para que seu coração ainda voluntarioso aprendesse a verdadeira humildade. Sentiu que havia vencido muitos tropêços; que se havia mostrado superior em Damasco e em Jerusalém; que dominara as hostilidades do deserto; que suportara a ingratidão dos climas e as canseiras dolorosas; mas, que o Mestre agora lhe sugeria a luta consigo mesmo, para que o "homem do mundo" deixasse de existir, ensejando o renascimento do coração enérgico, mas amoroso e terno, do discípulo. Seria, talvez, a maior de todas as batalhas. Assim compreendeu, num relance, e buscando vencer-se a si mesmo, tomou a bolsa com resignado sorriso, guardou-a humildemente entre as dobras da túnica, saudou o servo com expressões de agradecimento e disse, esforçando-se por evidenciar alegria:

— Sinésio, conte a meu pai o contentamento que me causou com a sua carinhosa oferta e diga-lhe que rogo a Deus que o ajude.

Seguindo o curso incerto de sua nova situação, viu na atitude paterna o reflexo dos antigos hábitos do judaísmo. Como pai, Isaac não queria parecer ingrato e inflexível, procurando ampara-lo; mas como fariseu nunca lhe suportaria a renovação das idéias.

Com ar indiferente, tomou leve refeição em modesta locanda. Entretanto, não conseguia tolerar o movimento das ruas. Tinha sede de meditação e silencio. Precisava ouvir a consciencia e o coração, antes de assentar os novos planos de vida. Procurou afastar-se da cidade. Como eremita anónimo, buscou o campo agreste. Depois de muito caminhar sem destino, atingiu os arredores do Taurus. Começava o cortejo das sombras tristes da tarde. Exhausto de fadiga, descansou junto de uma das inumeráveis cavernas ao abandono. Muito ao longe, Tarse repousava entre arvoredos. As auras vespertinas vibravam no ambiente, sem perturbar a pla-

cidez das cousas. Mergulhado na quietude da natureza, Saulo recuou mentalmente ao dia da sua radical transformação. Lembrou o abandono na pensão de Judas, a indiferença de Sadoc á sua amizade. Rememorou a primeira reunião de Damasco, na qual suportara tantos apupos, ironias e sarcasmos. Demandara Palmira, ansioso pela assistencia de Gamaliél, a-fim-de penetrar a causa do Cristo, mas o nobre mestre aconselhara-lhe o isolamento no deserto. Recordou as duras difficuldades do tear e a carencia de recursos de toda a especie, no oásis solitário. Naqueles dias silenciosos e longos, jamais pudera esquecer a noiva morta, lutando por erguer-se, espiritualmente, acima dos sonhos desmoronados. Por mais que estudasse o Evangelho, intimamente experimentava singular remorso pelo sacrificio de Estevam, que, a seu vez, fôra a pedra tumular do seu noivado futuro. Suas noites estavam cheias de infinitas angústias. A's vezes, em pesadelos dolorosos sentia-se de novo em Jerusalém, assinando sentenças iniquas. As vítimas da grande perseguição acusavam-no, olhando-o assustadas, como se a sua fisionomia fôsse a de um monstro. A esperança em Cristo reanimava-lhe o espirito resolutivo. Depois de provas ásperas, deixara a solidão para regressar á vida social. Novamente em Damasco, a sinagoga o recebeu com ameaças. Os amigos de outros tempos, com profunda ironia lançavam-lhe epitetos cruéis. Necessário fugir como criminoso comum, saltando muros pela calada da noite. Depois, buscara Jerusalém, na esperança de fazer-se compreendido. Contudo, Alexandre, em cujo espirito culto pretendia encontrar melhor entendimento, recebera-o como visionario e mentiroso. Extremamente fatigado, batera á porta da igreja do "Caminho", mas fôr obrigado a recoincer-se a umas réles hospedaria, por força das suspeitas justas dos Apóstolos da Galiléia. Doente e abatido, fôra levado á presença de Simão Pedro, que lhe ministrara lições de alta prudencia e excessiva bondade, mas, a exemplo de Gamaliél, lhe aconselhara prévio recolhimento, discreção, aprendizado em suma. Embora, procurava um meio de harmonizar as circunstancias, de maneira a

cooperar na obra do Evangelho e todas as portas pareciam fechadas ao seu esforço. A-final, dirigira-se a Tarso, ansioso do amparo familiar para reiniciar a vida. A attitude paterna só lhe agravara as desilusões. Repelindo-o, o progenitor lançava-o num abismo. Agora começava a compreender que, reencetar a existencia não era volver á attitude do ninho antigo, mas principiar do fundo dalma, do esforço interior, alijar o passado nos mínimos resquícios, ser outro homem enfim.

Compreendia a nova situação, mas não pôde coibir as lágrimas que lhe afloravam copiosas.

Quando deu acôrdo de si, a noite havia fechado de todo. O céu oriental resplandecia de estrelas. Ventos suaves sopravam de longe, refrescando-lhe a fronte incandescida. Acomodou-se como pôde, entre as pedras agrestes, sem coragem de eximir-se ao silencio da natureza amiga. Não obstante prosseguir no curso de suas amargas reflexões, sentia-se mais calmo. Confiou ao Mestre as preocupações acerbas, pediu o remédio da sua misericórdia e procurou manter-se em repouso. Após a prece ardente, cessou de chorar, figurando-se-lhe que uma força superior e invisível balsamizava-lhe as chagas da alma opressa.

Breve, em doce quietude do cérebro dolorido, sentiu que o sono começava a empolga-lo. Suavissima sensação de repouso proporcionava-lhe grande alívio. Estaria dormindo? Tinha a impressão de haver penetrado uma região de sonhos deliciosos. Sentia-se ágil e feliz. Tinha a impressão de que fôra arrebatado a uma campina tocada de luz primaveril, isenta e longe deste mundo. Flores brilhantes como feitas de névoa colorida, desabrochavam ao longo de estradas maravilhosas, rasgadas na região banhada de claridades indefiníveis. Tudo lhe falava de um mundo diferente. Aos seus ouvidos toavam harmonias suaves, dando idéia de cavatinas executadas ao longe, em harpas e alaúdes divinos. Desejava identificar a paisagem, definir-lhe os contornos, enriquecer observações, mas um sentimento profundo de paz deslumbrava-o inteiramente. Devia ter penetrado um reino maravilhoso, porquanto, os porten-

tos espirituais que se patenteavam a seus olhos excediam todo entendimento (1).

Mal não havia despertado desse deslumbramento, quando se sentiu presa de novas surpresas com a aproximação de alguém que pisava de leve, acercando-se de mansinho. Mais alguns instantes, viu Estevam e Abigail á sua frente, jóvens e formosos, envergando véstes tão brilhantes e tão alvas que mais se assemelhavam a pepluns de neve translúcida.

Incapaz de traduzir as sagradas comoções de sua alma, Saulo de Tarso ajoelhou-se e começou a chorar.

Os dois irmãos, que voltavam a encoraja-lo, aproximaram-se com generoso sorriso.

— Levanta-te, Saulo! — disse Estevam com profunda bondade.

— Que é isso? Choras? — perguntou Abigail em tom blandicioso. — Estarias desalentado quando a tarefa apenas começa?

O moço tarsense, agora de pé, desatou em pranto convulsivo. Aquelas lágrimas não eram sómente um desabafo do coração abandonado no mundo. Traduziam um júbilo infinito, uma gratidão imensa ao Jesus pródi-go de proteção e benefícios. Quis aproximar-se, oscular as mãos de Estevam, rogar perdão para o nefando passado, mas foi o mártir do "Caminho" que, na luz de sua ressurreição gloriosa, aproximou-se do ex-rabino e o abraçou efusivamente, como se o fizesse a um irmão amado. Depois, beijando-lhe a fronte, murmurou com ternura:

— Saulo, não te detenhas no passado! Quem haverá, no mundo, isento de erros?! Só Jesus foi puro!...

(1) Nota: — Mais tarde na II Epistola aos Coríntios, (12: 2-4) Saulo afirmava: — "Conheço um homem em Cristo que ha 14 anos (se no corpo não sei, se fóra do corpo não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é licito falar". Dessa gloriosa experiencia o apóstolo dos gentios extraiu novas conclusões sôbre suas idéias notáveis, referentemente ao corpo espiritual. — (Nota de EMMANUEL).

O ex-discípulo de Gamaliél sentiu-se mergulhado em verdadeiro oceano de venturas. Queria falar das suas alegrias infindas, agradecer tamanhas dádivas, mas indomita emoção lhe selava os lábios e confundia o coração. Amparado por Estevam que lhe sorria em silencio, viu Abigail mais formosa que nunca, recordando-lhe as flores da primavera na casa humilde do caminho de Joppe. Não pôde furtar-se ás reflexões do homem, esquecer os sonhos desfeitos, lembrando-os, acima de tudo, naquele glorioso minuto da sua vida. Pensou no lar que poderia ter constituido; no carinho com que a jóvem de Corinto lhe cuidaria dos filhos afetuosos; no amor insubstituível que sua dedicação lhe poderia dar. Mas, compreendendo-lhe os mais intimos pensamentos, a noiva espiritual aproximou-se, tomou-lhe a dextra ca-lejada nos labores rudes do deserto e falou comovida-mente:

— Nunca nos faltará um lar... Tê-lo-emos no coração de quantos vierem á nossa estrada. Quanto aos filhos, temos a família imensa que Jesus nos legou em sua misericórdia... Os filhos do Calvário são nossos tambem... Eles estão em toda parte, esperando a herança do Salvador!...

O moço tarsense entendeu a carinhosa advertencia, arquivando-a no imo do coração.

— Não te entregues ao desalento — continuou Abigail, generosa e solícita — nossos antepassados conheceram o Deus dos Exércitos, que era o dono dos triunfos sangrentos, do ouro e da prata do mundo; nós, porém, conhecemos o Pai, que é o Senhor de nosso coração. A Lei nos destacava a fé, pela riqueza das dádivas materiais nos sacrificios; mas o Evangelho nos conhece pela confiança inesgotavel e pela fé ativa ao serviço do Todo-Poderoso. E' preciso ser fiél a Deus, Saulo! Ainda que o mundo inteiro se voltasse contra ti, possuirias o tesouro inesgotavel do coração fiél. A paz triunfante de Cristo é a da alma laboriosa, que obedece e confia... Não tornes a recalcitrar contra os agulhões. Esvasia-te dos pensamentos do mundo. Quando hajas esgotado a derradeira gôta da posca dos enganos ter-

renos, Jesus encherá teu espírito de claridades imortais!...

Experimentando infindo consôlo, Saulo chegava a perturbar-se pela incapacidade de articular uma frase. As exortações de Abigail calar-lhe-iam para sempre. Nunca mais permitiria que o desânimo se apossasse dele. Enorme esperança represava-se, agora, em seu intimo. Trabalharia para Cristo em todos os lugares e circunstâncias. O Mestre sacrificara-se por todos os homens. Dedicar-lhe a existencia representava um nobre dever. Enquanto formulava estes pensamentos, recordou a dificuldade de harmonizar-se com as criaturas. Encontraria lutas. Lembrou a promessa de Jesus, de que estaria presente onde houvesse irmãos reunidos em seu nome. Mas, tudo lhe pareceu subitamente difficil, naquela rápida operação intelectual. As sinagogas combatiam entre si. A propria igreja de Jerusalém tendia, novamente, ás influencias judaizantes. Foi aí que Abigail respondeu, de novo, aos seus apelos íntimos, exclamando com infinito carinho:

— Reclamas companheiros concordes contigo nas edificações evangélicas. Mas é preciso lembrar que Jesus não os teve. Os Apóstolos não puderam concordar com o Mestre senão com o auxílio do céu, depois da resurreição e do Pentecostes. Os mais amados dormiam, enquanto Ele agoniado orava no horto. Uns negaram-no, outros fugiram na hora decívisas. Concorda com Jesus e trabalha. O caminho para Deus está subdividido em verdadeira infinidade de planos. O espírito passará sózinho de uma esfera para outra. Toda elevação é difficil, mas somente aí encontramos a vitória real. Recorda a "porta estreita" das lições evangélicas e caminha. Quando seja oportuno, Jesus chamará ao teu labor os que possam concordar contigo, em seu nome. Dedicá-te ao Mestre em todos os instantes de tua vida. Serve-o com energia e ternura, como quem sabe que a realização espiritual reclama o concurso de todos os sentimentos que enobrecem a alma.

Saulo estava enlevado. Não poderia traduzir as sensações cariciosas que lhe represavam no coração to-

mado de inefavel contentamento. Esperanças novas ba-fejavam-lhe a alma. Em sua retina espiritual desdobrava-se radioso futuro. Quís mover-se, agradecer a dádiva sublime, mas a emoção privava-o de qualquer manifestação afetiva. Entretanto, pairava-lhe no espírito uma grande interrogação. Que fazer, doravante, para triunfar? Como completar as noções sagradas que lhe competia exemplificar praticamente, sem anotação de sacrificios? Deixando perceber que lhe ouvia as mais secretas interpelações, Abigail adiantou-se sempre carinhosa:

— Saulo, para certeza da vitória no escabroso caminho, lembra-te de que é preciso dar: Jesus deu ao mundo quanto possuía e, acima de tudo, deu-nos a compreensão intuitiva das nossas fraquezas, para tolerarmos as misérias humanas...

O moço tarsense notou que Estevam, nesse interim, se despedia endereçando-lhe um olhar fraterno.

Abigail, por sua vez, apertava-lhe as mãos com imensa ternura. O ex-rabino desejava prolongar a deliciosa visão para o resto da vida, manter-se junto dela para sempre; contudo, a entidade querida esboçava um gesto de amoroso adeus. Esforçou-se, então, por catalogar apressadamente suas necessidades espirituais, desejoso de ouvi-la relativamente aos problemas que o defrontavam. Ansioso de aproveitar as mínimas parcelas daquele glorioso, fugaz minuto, Saulo alinhava mentalmente grande número de perguntas. Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos designios de Cristo?

— Ama! — respondeu Abigail espontaneamente.

Mas, como proceder de modo a enriquecermos na virtude divina? Jesus aconselhara o amor aos proprios inimigos. Entretanto, considerava quão difficil devia ser semelhante realização. Penoso testemunhar dedicação, sem o real entendimento dos outros. Como fazer para que a alma alcançasse tão elevada expressão de esforço com Jesus Cristo?

— Trabalha! — esclareceu a noiva amada com bondoso sorriso.

Abigail tinha razão. Era necessário realizar a obra de aperfeiçoamento interior. Desejava ardentemente fazê-lo. Para isso, isolara-se no deserto, por mais de mil dias consecutivos. Todavia, voltando ao ambiente do esforço coletivo, em cooperação com antigos companheiros, acalentava sadias esperanças que se converteram em dolorosas perplexidades. Que providências adotar contra o desânimo destruidor?

— Espera! — disse ela ainda, num gesto de terna solicitude, como quem desejava esclarecer que, a alma deve estar pronta a atender ao programa divino em qualquer circunstância, extreme de caprichos pessoais.

Ouvindo-a, Saulo considerou que a esperança fôra sempre a companheira dos seus dias mais ásperos. Saberá aguardar o porvir com as bênçãos do Altíssimo. Confiaria na sua misericórdia. Não desdenharia as oportunidades do serviço redentor. Mas... os homens? Em toda parte, medrava a confusão nos espíritos. Reconhecia que, de fato, a concordância geral em torno dos ensinamentos do Mestre Divino representava uma das realizações mais difíceis, no desdobramento do Evangelho; mas, além disso, as criaturas pareciam igualmente desinteressadas da verdade e da luz. Os israelitas agarravam-se à Lei de Moisés, intensificando o regime das hipocrisias farisáicas; os seguidores do "Caminho" aproximavam-se novamente das sinagogas, fugiam dos gentios, submetiam-se, com rigor, aos processos da circuncisão. Onde a liberdade do Cristo? Onde as vastas esperanças que o seu amor trouxera à Humanidade inteira, sem exclusão dos filhos de outras raças? Concordava em que se fazia indispensável amar, trabalhar, esperar; entretanto, como agir no âmbito de forças tão heterogêneas? Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

Abigail apertou-lhe as mãos com mais ternura, a indicar as despedidas e acentuou docemente:

— Perdoa!...

Em seguida, seu vulto luminoso pareceu diluir-se, como se fôsse feito de fragmentos de aurora.

Empolgado pela maravilhosa revelação, Saulo viu-se só, sem saber como coordenar as expressões do próprio deslumbramento. Na região que se coroava de claridades infinitas, sentiam-se vibrações de misteriosa beleza. Aos seus ouvidos continuavam chegando écos longínquos de sublimes harmonias siderais, que pareciam traduzir mensagens de amor, oriundas de sóes distantes... Ajoelhou-se e orou! Agradeceu ao Senhor a maravilha das suas bênçãos. Daí a instantes, como se energias imponderáveis o recondussem ao ambiente da Terra, sentiu-se no leito rustico, improvisado entre as pedras. Incapaz de esclarecer o prodigioso fenômeno, Saulo de Tarso contemplou os céus, embevecido.

O infinito azul do firmamento não era um abismo em cujo fundo brilhavam estrelas... A seus olhos, o espaço adquiria nova significação; devia estar cheio de expressões de vida, que ao homem comum não era dado compreender. Haveria corpos celestes, como os havia terrestres. A criatura não estava abandonada, em particular, pelos poderes supremos da Criação. A bondade de Deus excedia a toda a inteligência humana. Os que se haviam libertado da carne, voltavam do plano espiritual por confortar os que permaneciam à distância. Para Estevam ele fôra verdugo cruel, para Abigail noivo ingrato; entretanto, permitia o Senhor que ambos regressassem à paisagem caliginosa do mundo, reanimando-lhe o coração. A existência planetária alcançava novo sentido nas suas elocubrações profundas. Ninguém estaria abandonado. Os homens mais miseráveis teriam no céu quem os acompanhasse com desvelada dedicação. Por mais duras que fôsem as experiências humanas, a vida, agora, assumia nova feição de harmonia e beleza eternas.

A natureza estava calma. O luar esplendia no alto em vibrações de encanto indefinível. De quando a quando, o vento sussurrava de leve, espalhando mensagens misteriosas. Lufadas cariciosas acalmavam a frente do pensador, que se embevecia na recordação imediata de suas maravilhosas visões do mundo invisível.

Experimentando uma paz até então desconhecida, acreditou que renascia naquele momento para uma existência muito diversa. Singular serenidade tocava-lhe o espírito. Uma compreensão diferente felicitava-o para o reinício da jornada no mundo. Guardaria o lema de Abigail, para sempre. O amor, o trabalho, a esperança e o perdão, seriam seus companheiros inseparáveis. Cheio de dedicação por todos os seres, aguardaria as oportunidades que Jesus lhe concedesse, abstando-se de provocar situações, e, nesse passo saberia tolerar a ignorância ou a fraqueza dos outros, ciente de que também ele carregava um passado condenável, que, nada obstante, merecera a compaixão do Cristo.

Somente muito depois, quando as brisas leves da madrugada anunciavam o dia, o ex-doutor da Lei conseguiu conciliar o sono. Quando despertou, era manhã alta. Muito ao longe, Tarso havia retomado o seu movimento habitual.

Ergueu-se encorajado como nunca. O colóquio espiritual com Estevam e Abigail renovara-lhe as energias. Lembrou, instintivamente, a bolsa que o pai lhe havia mandado. Retirou-a para calcular as possibilidades financeiras de que podia dispôr para novos cometimentos. A dádiva paterna fôra abundante e generosa. Contudo, não conseguia atinar, de pronto, com a decisão preferível.

Depois de muito refletir, decidiu adquirir um tear. Seria o recomeço da luta. A fim de consolidar as novas disposições interiores, julgou útil exercer em Tarso o mistério de tecelão, visto que ali, na terra do seu berço, se ostentara como intelectual de valor e aplaudido atleta.

Dentro em pouco, era reconhecido pelos conterrâneos como humilde tapeceiro.

A notícia teve desagradável repercussão no lar antigo, motivando a mudança do velho Isaac, que, após desherda-lo ostensivamente, transferiu-se para uma de suas propriedades á margem do Eufrates, onde esperou

a morte junto de uma filha, incapaz de compreender o primogenito muito amado.

Assim que, durante três anos, o solitário tecelão das vizinhanças do Taurus exemplificou a humildade e o trabalho, esperando devotadamente que Jesus o convocasse ao testemunho.